



S. A. IMPERIAL A SNR^ª D. LEOPOLDINA

PRINCEZA DO BRAZIL.

1840

SUA ALTEZA IMPERIAL

**D. Leopoldina-Therеза-Francisca-Carolina-Michaella
Gabriella-Raphaella-Gonzaga**

Princeza do Brazil



retrato com que a *Revista* continúa hoje a serie dos contemporaneos illustres de Portugal e do Brazil, representa uma joven e formosa Princeza, cuja decima quarta primavera se completou ha pouco. A serie illustre dos seus ascendentes paternos remonta á origem dos Capetos e prende por laços de ptoxima consanguinidade com todas as familias reinantes da Europa. A progenitura materna vem do mesmo tronco, e deu Soberanos ás mais poderosas nações do meio dia da Europa.

Filha de uma princeza da casa de Bragança e de um principe da casa de Bourbon, a Senhora D. Leopoldina nasceu no thalamo imperial do Brazil no dia 13 de julho de 1847, onze mezes e meio depois do nascimento de Sua Augusta Irmã a Senhora Princeza D. Izabel, herdeira presumptiva do throno.

Grandes obrigações correspondem a tão elevada gerarchia, e se no solio são pesados os deveres da realeza, nos degraus immediatos ainda a consciencia dos principes receia não poder cum-

prir facilmente os encargos que lhe impõem a qualidade do nascimento, as tradições historicas, e as recordações de familia.

Que animo de homem corajoso — quanto mais de menina e tão no desabrochar da vida — não tremeria sob o peso dos deveres que incumbem a quem descende de progenitores insignes na grandeza dos dotes politicos e esclarecidos pelo exercicio constante de virtudes particulares? Contar entre os proprios ascendentes a Rainha Santa Izabel, a Princeza Santa Joanna, e S. Luiz, Rei de França, é ter sempre diante dos olhos exemplos para cuja imitação é indispensavel constancia superior ás forças ordinarias da humanidade.

A dynastia do Brazil, ainda não viu correr meio seculo depois que o Senhor D. Pedro I poz na cabeça a corôa imperial, e esmaltou com as estrellas radiantes do cruzeiro o escudo onde conservára a esphera de D. Manoel e a cruz vermelha e branca dos successores dos Templarios, e todavia nesse curto espaço de tempo já tres Princezas virtuosissimas se sentaram no throno do Brazil.

Das duas que ainda vivem apregoa a voz universal qualidades peregrinas, e da Imperatriz Leopoldina vivem as memorias saudosas no animo grato de todos os cidadãos. D'ella recebeu o nome a Augusta Princeza Brazileira, e nelle um incentivo permanente da pratica de todas as acções nobres e benevolentes, em que foi insigne sua illustre Avó.

Suas Altezas Imperiaes D. Leopoldina e D. Izabel, são as unicas filhas dos Soberanos do Brazil. Esta, destinada a succeder-lhes no throno e a continuar as tradições generosas das princezas da sua familia, entendidas na arte de reinar como a Senhora D. Maria II, prudentes no exercicio do governo como a Senhora Infanta D. Izabel Maria, e exemplares nas virtudes publicas e particulares como as Imperatrizes Leopoldina de Austria, Amelia de Leuchtemberg e Thereza de Bourbon; aquella, obrigada pelos mesmos exemplos, e herdeira de deveres igualmente importantes, embora isempta dos encargos e inquietações do governo.

Possam as duas excelsas Princezas do Brazil augmentar o esplendor da dynastia imperial, e deixar na historia do novo mundo recordações de virtude e de gloria.

Esses são os votos sinceros de quantos d'este lado do Atlantico pertencemos á familia portugueza, na qual os sentimentos fraternaes para com a nação brazileira se robustecem diariamente.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

EPISODIOS DA VIDA DE ALEXANDRE DE HUMBOLDT

Fragmentos de uma Biographia completa.

Viagem á Russia. — Kasan e as ruínas de Bulgari. — Excursões no paiz de Ecatherinemburg. — As steppes de Borabinski. — Caminho para o Ural. — Jornada de Oremburgo a Astrakan. — Navegação no mar Caspio. — Regresso á Europa.



o praso que havia fixado safu Humboldt de Berlim, levando por companheiros de sua viagem a Gustavo Rose, o illustre chimico e mineralogista, e a Ehrenberg, distincto naturalista prussiano. Antes de emprehender a expedição, haviam entre si concertado a divisão, que fariam dos objectos de seu estudo, cabendo, segundo as vocações e habituaes trabalhos de cada um dos socios, a Humboldt as investigações sobre o magnetis-

mo terrestre, as observações astronomicas e geographicas, e tudo o que pertencia á physica e á geognosia; a Gustavo Rose a mineralogia, e a Ehrenberg a zoologia e a botanica.

É digna de ser commemorada a sollicitude, com que o imperador Nicoláu, patrono e fautor da empreza, subsidiou com verdadeira munificencia a nova expedição asiatica, de que as sciencias tanto vieram a aproveitar. Deixou o czar ao alvedrio de Hum-

boldt o seguir a direcção, que melhor lhe parecesse, e terminantemente lhe asseverou que o fim principal da expedição era o aperfeiçoamento da sciencia, especialmente da geologia e do magnetismo terrestre, e que as utilidades materiaes as devia Humboldt considerar na exploração como assumpto secundario, ao qual em nenhuma maneira haveria de sacrificar o interesse puramente scientifico.

Chegados que foram a S. Petersburgo os sabios viajantes, ali acharam logo aparelhado e disposto tudo quanto para sua commodidade e segurança pessoal se fazia mister, para levarem a cabo sua empreza em tão asperas regiões, como eram aquellas, em que se iam entranhar. Ao zelo e providencia do conde de Cancrin, ministro da fazenda, deveram todos estes opportunos cuidados. O capitão do corpo das minas, Menschenin, recebeu o encargo de acompanhar os viajantes para lhes servir de guia, lhes prestar todo o auxilio, de que houvessem de carecer e para solicitar das auctoridades locae quanto podesse facilitar e tornar mais commoda a aventureosa expedição.

A 20 de maio saíram de S. Petersburgo, caminho de Moscow. Em Nischnei-Nowogorod, cidade celebre pela feira, que se ali celebra annualmente, se embarcaram para seguir, navegando pelo Volga, até Kasan, aonde entraram a 4 de junho de 1829. Visitaram Bulgari, a antiga cidade capital dos mongoles, e contemplaram as ruinas tartaras, que ainda ali se podem observar. Dirigiram-se depois a Ecatherinemburg, na vertente asiatica dos montes Urals, e demorando-se na povoação perto de um mez, observou Humboldt a parte media e septentrional d'aquella celebre cordilheira. As montanhas são aqui mui interessantes para a sciencia não só pela sua constituição geologica e pelos seus jazigos metalliferos, mas tambem pela elevação do mais alto dos seus picos, que se levanta a perto de 5000 pés acima do nivel do mar, e pela circumstancia notavel de que a direcção da serra segue exactamente a de um meridiano terrestre. As formações do Ural, as quaes começam no lago Aral pelos terrenos terciarios e se estendem até as rochas de *grunstein* junto das margens do mar Glacial, são riquissimas de oiro e de platina, particularmente nos logares, onde predominam os terrenos de alluvião. Foi curta a duração das observações de Humboldt n'aquella região, mas copiosa de importantes descobrimentos não só na geologia, senão tambem na mineralogia, que o sabio prussiano enriqueceu com especies antes d'elle desconhecidas.

Em Zumeschefscoi estudou Humboldt o celebrado jazigo de malachite. Observou depois a montanha magnetica de Blagodad

e as affamadas minas de topasio em Murzinsk. Em Nischnei-Tigilsk achou um fragmento de platina no estado nativo, com o peso de mais de oito kilogrammas. Depois de haver empregado a sua insaciavel actividade em observações astronomicas e magneticas, em determinações de posição geographica de muitos pontos, e em medições trigonometricas e barometricas das alturas, deixou o territorio de Ecatherinemburg e proseguiu seu caminho para Tobolsk e d'ali para os aridos e temerosos steppes de Borabinsk. É o trajecto n'estes plainos asperrimos e solitarios extremamente pavoroso para os viandantes, que n'elles tem que arrostar com as nuvens de insectos, da familia das *Tipulas*, que vem saltar os caminhantes e tentar a mais heroica paciencia, aggravando os perigos e fadigas da jornada em terra tão pouco feita para ser trilhada por homens e menos ainda para homens civilizados.

A 2 de agosto, soffridas com grande resignação e animo nunca desfallecido as tribulações de tão agro caminhar, chegou Humboldt a Barnaul nas margens do Obi. Aqui se volveu a curiosidade dos viajantes para a paisagem verdadeiramente pictoresca do lago Kolywan, e as famosas minas de prata de Riddersk e de Zyrianowskoi offereceram aos avidos naturalistas assumpto, com que empregar em fructuosas observações o seu espirito investigador. Estão aquelles depositos argentiferos situados no pendor meridional dos montes Altai, cadeia de montanhas, cujo cerro mais erguido, o monte Bjelucha, mede uma altitude quasi igual á do Etna, ou segundo o botanico Bunge, á do pico de Tenerife.

De Riddersk se adiantou Humboldt com seus companheiros até á pequena fortaleza de Ust-Kamenoigorsk e chegou, passando por Buchtorminsk, até ás fronteiras do imperio chinez. Por esta occasião visitou o porto mongol de Bati, a que chamam tambem Chonimaila-chu, e a 17 de agosto achou-se Humboldt no ponto central da Asia, o qual demora ao norte do lago Dsaisang.

D'este ultimo posto de sua expedição voltou á fortaleza de Ust-kamenoigorsk, seguindo em parte o curso do rio Irtysh, e durante a viagem fez curiosas observações sobre as gigantes massas de granito, que n'um espaço de mais de 16000 pés, e com estratificação ou antes lascado vertical, constituem a principal feição geologica d'aquelle territorio.

Chegando á fortaleza, e tendo n'ella apenas de demora, quanto era necessario para repousar e aperceber-se para novas peregrinações, seguiu pelo steppe de Ischim, no territorio dos Kirghis, para o Ural do sul, e atravessando no caminho em Semipalatinsk

e Orusk a linha dos Cosacos de Ischim e Tobol, chegou a Mjask. Elegendo este ponto por seu quartel general scientifico, empreendeu Humboldt varias excursões ás terras commarcans. Em um logar d'aquellas cercanias descobriu o naturalista tres fragmentos de oiro nativo, dois dos quaes tinham de peso desoito libras, e o terceiro vinte e oito. Deixando Mjask, costeou Humboldt o Ural do sul até Orsk e nas margens do rio Jaik, copiosissimo de pescado, colligio excellentes materiaes para os seus estudos geologicos.

Em 21 de setembro entrava em Orenburg, havendo passado por Luberlinsk. É Orenburg notavel por estar situado abaixo do nivel do mar e é ponto, onde concorrem caravanas annuaes de muitos mil camellos. Ali se avistou Humboldt com um certo von Gens, o qual havendo já percorrido o paiz, ministrou ao viajante prussiano valiosas informações sobre a geographia asiatica, para cujo aperfeiçoamento havia colligido subsidios, em suas diurnas excursões pela Siberia. D'aquelle homem, soube Humboldt que a nordeste do grande lago Balkasch havia um monte, que lançára fogo e que com sua actividade volcanica punha muitas vezes espanto e terror ás caravanas, as quaes, segundo seus ritos e superstições gentilicas, lhe sacrificavam ovelhas, para propiciar a terrivel divindade, cujas iras se manifestavam na erupção. Gens ouvira da bocca de um tartaro o que narrára ao naturalista prussiano, o qual se lembrou então que poderia ser aquelle o vulcão, de que fallam os livros chins, e o mesmo pelas descripções de Klaproth e de Amusat tão viva curiosidade havia excitado entre os geologos. Colhidas novas e mais particularizadas informações do director da policia russa em Semipalatsinsk, von Klostermann, explorou Humboldt aquella região com a mais escrupulosa deligencia, para achar a connexão entre o vulcão maravilhoso e os demais phenomenos e condicções geologicas d'aquelle trato de terra, ainda quasi virgem de scientificos estudos.

Destinou Humboldt expressamente uma nova expedição para estudar as celebres minas de sal gemma em Ilezk, situados no steppe pertencente á pequena horda dos Kirghis, e principal povoação dos Cosacos do Ural. Visitou depois as colonias allemãs sobre o Wolga, no governo de Saratow, e o grande lago salgado de Elton. Passou pelo bello estabelecimento, que fundaram os *Irmãos moravos*, em Sarepta, e no meado de outubro chegou a Astrakan nas margens do mar Caspio.

Levava-o a este mar, o maior dos mares interiores, que se conhecem e sobre o qual acabam de aventurar ousadas conjectu-

ras geologicas os srs. Von Baer e Von Bergstraesser,* o desejo de lhe analysar chimicamente as aguas, para comparar a sua composição com a do oceano. D'este trabalho se encarregou Gustavo Rose. Humboldt apprehendeu á sua parte observações barometricas, e de accordo com Ehrenberg tractou de accrescentar para a sciencia as riquezas zoologicas, colligindo principalmente peixes do mar Caspio para opulentar a obra, em que por aquelle tempo trabalhavam Cuvier e Valenciennes. Um pequeno barco de vapor conduziu Humboldt nas suas excursões por aquelle mar.

De Astrakan tomou Humboldt o caminho de Moscow, passando pela estreita lingua de terra, que separa nas proximidades de Tschinskaya os rios Don e Wolga, atravessando depois a territorio dos Cosacos do Don, e seguindo por Woronesch e Tula.

A 13 de novembro entrou Humboldt em S. Petersburgo, com seus companheiros e ali se demorou o tempo necessario para prestar á côrte e ao governo as homenagens do seu reconhecimento pelos favores, que d'elles havia recebido e para esperar as suas bagagens e colleções de productos naturaes. Nos fins do anno de 1829 estava de volta em Berlim, onde foi recebido com tantas mostras de bom acolhimento, quantas eram devidas a tão sabio e animoso viajante, que apenas pouco mais de oito mezes despendera nas suas explorações asiaticas.

Raras vezes terá acontecido que em tão curto periodo haja a sciencia conquistado tão numerosas observações, colhidas em tão dilatado territorio. Percorreu Humboldt n'esta sua expedição muito mais de duas mil milhas geographicas.

Os resultados scientificos d'esta viagem memoravel deviam publicar-se em tres obras, cada uma das quaes seria redigida por um dos tres sabios exploradores, segundo a partilha que entre si houveram feito de todas as sciencias, cujos limites se propunham ampliar. Apareceu primeiro a obra que tem por titulo *Fragments de géologie et climatologie asiatique*, que se devem considerar como o annuncio e programma de uma obra de maior tomo. O primeiro volume escripto originalmente em francez, idioma que Humboldt as mais das vezes preferio na vulgarisação dos seus descobrimentos, trata das *cadeas de montanhas e vulcões do interior da Asia, das aguas thermaes de Alagut e das erupções vulcanicas de diferentes generos em varios logares da Asia-Central e do Novo Mundo*. N'esta obra se póde apreciar como o illustre prussiano considerava a sua expedição asiatica o complemento natural ne-

* *Revue des Deux Mondes*, 1.º de agosto de 1861.

cessario das suas antigas peregrinações na America meridional, por que n'este livro compara Humboldt os phenomenos de um e de outro continente para deduzir as leis, que presidem ás manifestações da natureza, e que imprimem á criação nas suas quasi infinitas modalidades a suprema feição da unidade e da harmonia. São ali muito para compulsar as innumerables observações geognosticas dos paizes situados entre o Altai e o Himalaya, e merecem menção especial e honorifica as noticias, que ali se encontram ácerca dos vulcões, que na Asia se nos deparam, mui longe das costas do oceano, ao revez da que succede commumente. Nenhum geologo havia antes de Humboldt contemplado com seus proprios olhos mais vulcões activos ou extinctos, e seguido com maior curiosidade e com espirito mais illustrado e perspicaz os phenomenos das suas antigas e modernas erupções. Observára vulcões em tres das cinco partes, em que se divide o globo terrestre. Tivera pois vastissimo terreno para numerosas investigações e para decifrar em vista dos proprios documentos da historia da terra as revoluções, que tiveram o fogo por agente. Muitos problemas, que traziam indecisos ou errados os geologos, outros que pareciam de impossivel solução, receberam luz vivissima, e se a botanica na sua parte philosophica póde contar Humboldt entre os seus mais eminentes e mais originaes cultores, a geologia deve á sua collaboração muitos dos rapidos progressos, com que safu das fachas infantís, com Leibnitz, com Woodward, com Werner e com Lehman, ao grau de esplendor, em que a vemos hoje, pedindo o seu logar entre as sciencias experimentaes, com Lyell, com Murchison, com Haidinger com d'Orbigny, com Elie de Beaumont e Archiac. Se a geognosia, a sciencia positiva e empyrica dos terrenos e das rochas lucrou, enriquecendo as suas collecções, a geologia especulativa, a genése da terra, e a chronologia das suas formações achou em Humboldt, espirito propenso ás ousadas generalisações, um interprete admiravel d'estes venerandos monumentos, que attestam as suas grandiosas revoluções e em que os capitulos da historia da terra abrangem myriades de seculos.

Não participou em inferior quinhão a geographia physica e politica dos proventos scientificos da expedição. Determinaram-se as coordenadas geographicas de muitos pontos da Asia central. Colligiram-se das auctoridades russas, em diversas povoações do imperio, e dos tartaros e buckaros, desconhecidos itinerarios e preciosas informações topographicas. Suppunha-se que a Asia central era uma chapada ininterrupta. Reconheceu Humboldt, ao contrario, que esta parte da terra, tão notavel por ser o berço

geralmente supposto da humanidade e a origem das mais antigas tradições ethnographicas, é atravessada do oriente para o occidente por quatro systemas de montanhas, o Altai, os Montes Celestes, o Kuelum, e o Himalaya; e com a elevação de espirito, com que o sabio prussiano entrelaça n'uma synthese racional todas as sciencias da natureza e da humanidade, notou Humboldt que o relevo da Asia central não era para desattender na historia das primitivas migrações. Um dos mais notaveis entre os de seus descobrimentos physico-geographicos é o da existencia de uma região vulcanica, que affastada do oceano mais de mil e duzentas milhas, se dilata por uma superficie de 2500 milhas quadradas.

No segundo tomo dos *Fragments Asiaticos* se encontra a descripção de doze itinerarios. Contém demais este livro *Observações sobre a temperatura do ar e seu estado hygrometrico n'algumas partes da Asia, e investigações sobre as linhas isothermas*.

Foram sempre as linhas isothermas um dos assumptos de maior predilecção para Humboldt. Póde dizer-se que foi para elle a climatologia um dos ramos da physica do globo, que cultivou com maior fervor. Desde 1817, em que publicou nas *Mémoires d'Arcueil* o seu notavel escripto — *De la distribution de la chaleur et des lignes isothermes*, havia Humboldt contribuido com importantes subsidios para o progresso d'esta parte da sciencia e tinha procurado determinar a fórma e a direcção das isothermas. Na sessão solemne da Academia Real das Sciencias de Berlim, em 3 de julho de 1827, havia lido uma curiosa memoria *sobre as causas fundamentaes das differenças de temperatura no globo terrestre*. As observações colligidas e esplanadas nos *Fragments asiaticos* sobre o mesmo assumpto, completavam pois o mesmo cyclo de estudos physicos, e accrescentavam aos phenomenos thermicos do Novo-Mundo os factos observados no vastissimo imperio moscovita.

Da viagem asiatica provieram para a sciencia muitas outras utilidades e progressos, que fôra prolixo enumerar. Apenas falaremos n'este logar do systema regular de observações meteorologicas, que Humboldt contribuiu para que se estabelecesse no territorio russo. Humboldt durante a sua excursão pela Siberia deixára thermometros em poder de pessoas, que nos diversos logares lhe pareceram mais idoneas para registrar as observações da temperatura, e elegera principalmente para esta officiosa commissão os empregados do corpo technico das minas. Julgou porém que era a academia imperial das sciencias de S. Petersburgo a corporação mais propria para tomar a direcção de um systema

regular de observações meteorológicas, e com este intento lhe apresentou um plano, segundo o qual lhe parecia deverem ser instituidas e continuadas as observações sobre o estado thermometrico, barometrico e hygrometrico, sobre a temperatura do solo, a direcção e a velocidade dos ventos, e os meteoros aquosos. Correspondeu a illustre corporação ás esperanças do sabio prussiano, e approuvou o imperador a proposta de Humboldt. Comprehendendo o imperio moscovita uma tão vasta superficie na Europa, na Asia e na America, é bem de presumir quaes seriam para a sciencia os fructos do proposto systema de observações, dado que ellas fossem executadas em tão distantes regiões como aquellas, em que se reparte a Russia. Por ordem do governo se erigio em S. Petersburgo um *Observatorio physico central* cuja missão seria a de eleger os logares, onde se deveriam proseguir as observações, comparar e rectificar os instrumentos, de que se devia fazer uso, para que houvesse a maior conformidade no systema, em centralisar, n'uma palavra, todas as observações magneticas e meteorológicas, coordenar os phenomenos registados, calcular as medias e entender na regular publicação dos resultados.

A obra completa sobre a viagem asiatica de Humboldt e de seus dois companheiros safu escripta em allemão com o titulo de *Viagem ao Ural, ao Altai e ao mar Caspio, feita por ordem de Sua Magestade o Imperador da Russia no anno de 1829, por A. de Humboldt, G. Ehrenberg, e Gustavo Rose* (*Reise nach dem Ural, dem Altai und dem Kaspischen Meere, auf Befehl sr. majestat des Kaisers von Russland in Jahre 1829*). D'esta grande obra appareceu primeiro publicada a parte relativa á mineralogia, á geologia e á historia da viagem e seus incidentes sob o titulo de *Mineralogisch — geognostischer Theil und historischer Bericht der Reise*; escripta por Gustavo Rose e impressa entre os annos de 1837 e 1842 em dois tomos. Antes porém, que apparecesse a terceira parte, redigida por Ehrenberg e consagrada aos resultados botanicos e zoologicos da expedição, assim como á distribuição geographica das plantas e animaes, deu Humboldt á estampa um novo escripto seu que intitolou: *Asie centrale, recherches sur les chaines de montagnes et la climatologie comparée*, o qual se publicou em Paris, em lingua franceza e em tres tomos em 1843. Foi este o livro complemento da obra, que sob o titulo de *Fragments asiatiques* havia escripto alguns annos antes, em 1831. Desde este ultimo anno havia Humboldt colligido novos e mais importantes materiaes, que devêra ás noticias e relações dos sabios, com que na Russia entrára em relações, e principalmente aos tra-

balhos meteorologicos do Observatorio physico de S. Petersburgo. Pareceu pois a Humboldt que em vez de uma nova edição dos seus *Fragments asiatiques*, a sciencia lhe agradeceria com maior encarecimento uma obra inteiramente nova e delineada segundo um plano mais completo. Na redacção do novo escripto deveu grande e valioso auxilio aos sabios, que em França e na Allemanha cultivavam as linguas e litteraturas orientaes, principalmente ao celebre Klaproth, que lhe ministrou curiosas indicações, extrhidas dos livros chins, a Estanislau Julien, a quem deveu muitas informações physicas e corographicas da Asia, ao erudicto Eugenio Burnouf, que da riquissima fonte dos livros Zends haurio importantes noticias geographicas e ethnographicas.

É copiosa de erudição scientifica e litteraria a *Asie centrale* de Humboldt, variados os assumptos, que o profundo naturalista, ou antes sabio quasi universal com rara sagacidade versa n'aquelle livro. São dignas de consultar-se as observações sobre as alturas medias d'aquelle grande continente, sobre as chapadas da Asia central, sobre o systema orographico do Kuenlun, sobre o nivel do mar Caspio em relação ao nivel do oceano, as observações historico-geographicas ácerca do curso do rio Oxus, as noticias do Ural, dos vulcões centraes, dos jazigos de oiro, sobre o producto das lavagens d'este metal n'aquelles montes e na Siberia, e sobre os diamantes d'aquellas regiões. Contém a obra além d'isto curiosas investigações historicas e philosophicas, e é acompanhada de uma carta da Asia central, desenhada pelo proprio Humboldt.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

A ERMIDA DE CASTROMINO

VI



icava perto do Jardim Botânico o magnífico palácio de Manoel de Oliveira; porém os armazens e o escriptorio do rico exportador do vinho e azeite da Beira, permaneciam ainda na rua da Sophia desde o tempo em que transferira da Figueira para Coimbra a propria residencia e a séde commercial dos seus negocios.

Safa Manoel de Oliveira de casa todas as manhãs cerca das sete horas e meia, e dando volta pelo Penedo da Saudade vinha entrar do lado do Seminario Episcopal no esplendido terrado superior do jardim, sumptuoso monumento em que o reitor da Universidade D. Francisco de Lemos deixou memoria duradoira dos pensamentos grandiosos que então havia na nossa terra, e que de todo em todo vieram a transformar-se nas mes-

quinhissimas miserias que por ahí vemos hoje.

Não as vejo eu agora cá de tão longe, mas ainda ha pouco as vi,

e corei de vergonha de tão embrutecida decadencia. Ah! Se El-Rei D. José I do alto do monumento, onde a mão de bronze do Marquez de Pombal lhe foi collocar a estatua, pudesse volver a cabeça, e avistar por sobre o hombro a ridiculissima peanha sobre a qual intentavam expôr ao escarneo das edades futuras, seu real bisneto o senhor D. Pedro IV.... estou que dava de esporas ao cavallo e ía lançar-se no Tejo onde nunca mais pudessem vel-o olhos portuguezes!

Deixemos em paz a primorosa estatua da Praça do Commercio de Lisboa, não passemos diante do retrato de Sebastião José de Carvalho e Mello para não abaixarmos a vista corridos de pejo, e voltemos a Coimbra a acompanhar o sr. Manoel de Oliveira no seu passeio matutino no Jardim Botânico até áquelle aqueducto de El-Rei D. Sebastião, que tão em secco deixára a fonte e os tanques dos conegos regantes, e a famosa crasta que D. João III lhes riscára de seus reaes dedos na manga do roupão.

Ali junto dos arcos esperava a traquitana puchada por dois possantes machos, que todos os dias o levava ao escriptorio. Das cinco ou seis carruagens que então havia em Coimbra, além dos carroções de bois, era a de Manoel de Oliveira uma das mais aprimoradamente acabadas e commodas, e o ruido que faziam as rodas nas pedras das calçadas tão conhecido na cidade, que sem saír ás portas das casas e sem correr á janella, já todos sabiam quem passava na rua.

O velho negociante trabalhava até ás onze horas. Apenas soavam, saía do gabinete, e vinha para uma sala á qual era livre o accesso sem necessidade de mandar dizer o nome. Diziam os murmuradores de quasi todas as boticas de Coimbra que S. Ex.^a dava audiencia ás onze horas da manhã, e com effeito quasi sempre áquella hora algum amigo ou importuno lhe vinha fazer companhia.

Serviam-lhe então o almoço que constava inalteravelmente de uma costeletta, dois ovos quentes e um copo de excellente vinho do Porto, ao qual Manoel de Oliveira consagrava especial affeição desde que á força de provar o Bairrada, e o Beirão chegára a não lhes achar gosto. Concluida esta refeição frugal, o pae de D. Anna recolhia ao gabinete por numerosa que fosse a sociedade. A quem quizesse ficar na sala, não faltavam livros e periodicos. Elle é que não ficava, porque as horas commerciaes eram tão exactamente empregadas pelo honrado negociante, como no rigor da primitiva disciplina fôra devidamente guardada dos frades a impreterivel hora do côro.

Em um dia do mez de março de 1839 assistia ao almoço de Manoel de Oliveira um cavalheiro de Coimbra ainda moço, geralmente conhecido por curioso das vidas alheias, espreitador de todos e de tudo, gazeta permanente da rua Larga, da Calçada, do Jardim, e da Ponte, e possessor dos espiritos malignos da vaidade e da inveja, demonios a

que a mão justiceira do Eterno deu maior liberdade entre o Guadiana e o Minho do que em qualquer outra região da terra. E sobre todos estes dotes, com que se poderiam abastar largamente dois ou tres tolos maus, tinha uns taes modos feminis e uma voz tão de sovelão que nem os nervos do mais paxorrenco frade bernardo lhes teriam supportado pacificamente a impressão irritante.

— Eu não conheço pessoa mais feliz do que o sr. Manoel de Oliveira. Realmente não sei o que lhe falta? Dizia este menino com certa ironia, cujo monopolio os homens de esphera superior e os parvos repartem entre si, ficando os primeiros com a ironia delicada e espirotuosa, e deixando para os outros a grosseira e material.

— Às vezes falta-me saude, respondeu melancolicamente o velho.

— Também só se fôr isso. Ainda hontem á mesa diziamos nós lá em casa, a mana Christina e eu, que não havia outro como V. Ex.^a Muita riqueza, grande respeito, uma filha encantadora e a amizade de toda a gente? E então o bem que faz aos pobres? Pensa que não se sabe?

— Olhe que não é tanto assim. Muitas das esmollas que eu dou são da Misericordia. O publico vê que se distribuem á minha porta, e cuida que saem da minha algibeira, mas enganam-se. Eu não acredito na utilidade das esmollas repartidas entre cegos fingidos, aleijados escorreitos e pobres remediados. Porém o compromisso da Santa Casa determina que se dêem, e dão-se.

— Nada, nada de modestia. Nós bem sabemos a verdade; e o proveito que causa á cidade só com a sua despeza? V. Ex.^a ha de gastar muito cada anno?

— Eu gasto o rendimento das minhas propriedades, retrucou o Oliveira com certo constrangimento.

— Essa bagatella! Alguns vinte e cinco ou trinta contos! Se Coimbra tivesse tres ou quatro Manoeis de Oliveira nem Lisboa nos deitava agua ás mãos.

— Quaes vinte e cinco ou trinta contos, acudiu o velho. Menos, menos, muito menos. Eu não sou tão rico como cuidam.

— O que eu vejo é que talvez seja ainda mais modesto do que rico. Ora vamos. Quero suppôr que não gasta mais de dez contos; em dez annos são cem contos. É o haver de muitas familias reunidas!

— Ainda bem, volveu o negociante sempre triste, ao menos tambem a muitas familias vae ter esse dinheiro.

— Pois isso é o que eu digo. Andam por abi a ralhar dos capitalistas. Eu cá sempre sustentei que lucra mais com elles o povo do que não com os proprietarios. Nós recebemos de nossos paes por transmissão legitima esses poucos bens que disfructámos, e estamos na idéa de que não é necessario socegar com actos de caridade excessiva os

animos invejosos. Os capitalistas andam sempre a repartir com os pobres para que elles não murmurem, e fazem muito bem. O povo é muito ciumento!

Sorriu quasi imperceptivelmente Manoel de Oliveira a tão grosseiro insulto, sem se dar por offendido da manifestação atrevida com que naquellas palavras viera a lume o odiento antagonismo da propriedade contra o capital. Sentimento fraticida e insensato entre duas forças que não podem ser inimigas nem rivaes, e de cuja cooperação depende a prosperidade publica, mas paixão muito natural em uma nação onde os principios economicos não prepararam a reforma, antes foi esta que se incumbiu de os introduzir e vulgarisar.

— Pobre povo! respondeu Manoel de Oliveira continuando o almoço. Deixe dizer. O povo não é ciumento nem invejoso. É justo, e muitas vezes mais justo do que as classes superiores que veneram e respeitam muito tratante, conhecendo-lhe as más qualidades. O povo não. Póde proteger e seguir gaiatos, mas é em quanto os não conhece.

— Tem V. Ex.^a muita razão. É o que eu affirmo sempre. Porque não ha de haver grande accumulção de capitaes sem ladroeira nem deshonra? Acaba sempre em quebra a riqueza que provém de origem illicita. A outra é trigo sem joio, e o proprio governo a deve honrar e proteger. E a proposito: dizem por ahi que V. Ex.^a está commendador da Conceição. Posso perguntar-lhe se é verdade e dar-lhe os meus parabens? Olhe que todos approvam. Lá em casa tanto eu como a mana Christina achamos tarde, muito tarde.

— O ministro mandou-me hontem esse presente como recompensa do ultimo emprestimo, mas eu nem a regeito, nem a ponho na casaca. Aceitei a carta de conselho quando deixei de ser deputado para escapar a barão, e já foi de mais.

— E então porque não ha de aceitar? Não se dá a toda a gente a commenda da Conceição! D'antes era só-para os que tinham o fôro grande de Fidalgo Cavalleiro, agora serve de pretexto para o ter. Ahi está V. Ex.^a de um dia para o outro tão fidalgo como eu, ou como o primo Lopo Coutinho, sem que a sua familia tivesse que andar pelas fortalezas da India ou ás lançadas aos moiros nos logares de Africa. E com muita razão. Todos devem ter o seu S. Martinho. A nobresa e o clero tiveram o seu. Agora é a vez do commercio e da industria.

— Eu não quero ser fidalgo, e lastimo os negociantes que padecem de tal'achaque. O trafico d'elles não é fim, é meio. Não é profissão, é apprendizado de nobreza. Por isso saem tão bons nobres como foram commerciantes honrados. Porém agora dê-me licença, ajuntou Manoel de Oliveira levantando-se da mesa, e saboreando o resto do doirado vinho do Porto, que lhe ficára no copo. Ahi tem os jornaes de Lisboa e livros. Até outra vez. Folguei muito de o ver.

— Sempre ás ordens de V. Ex.^a Eu sou dos amigos fieis, concluiu o rapasito quando o velho Oliveira já entrava para o gabinete.

Era com effeito verdade que o ministro do reino mandára a commenda da Conceição ao Rothschild de Coimbra. Mil vezes a merecêra por serviços prestados ao Estado em conjuncturas apertadas, porém nunca houvera secretario de Estado que se lembrasse de propôr á Soberana a mais pequena recompensa para o capitalista das margens do Mondego. Quando elle praticava alguma acção util ou digna, dava-se o premio a quem nada fizera. Os estimulos são para quem d'elles carece. Grandes philosophos e grandes ministros! A Rainha que era generosamente remuneradora resolveu de seu moto proprio dar-lhe o titulo de Barão do Bussaco. Manoel de Oliveira foi beijar-lhe a mão e tanto pediu, tanto supplicou a Sua Magestade, e aos ministros, que em transacção amigavel conseguiu descer para conselheiro.

Agora o caso era differente. A graça não fôra do ministro. Sollicitára-a com empenho um homem valido do governo, d'estes sumilheres da cortina ministerial, que duram o espaço de um ministerio no fim do qual voltam a passeiar de tamancos e commenda nas lamas da Palhaça ou nas fragosidades da serra do Gerez, uma *notabilidade* emfim, como se lhes chama no calão das gazetas.

O Cyreneu ministerial tinha uma demanda em Coimbra, e tratava de pôr do seu lado os homens influentes da cidade. Pareceram-lhe mais efficazes as mercês reaes do que um ou dois faqueiros, e tres ou quatro salvas de prata em que se lhe iriam muitos carros de milho. Por isso com manifesto prejuizo dos ourives da prata se deu a commenda a Manoel de Oliveira, e se mandaram com igual motivo de interesse publico distincções inesperadas a algumas outras pessoas respeitaveis da Athenas portugueza. O ministro cuidou premiar serviços! Coitados dos ministros!

VII

Ausentou-se o menino levando confirmada a noticia da commenda, contra a qual meia hora depois blasfemava em uma loja da calçada, dizendo com chiste aristocratico, que maior acerto houvera sido darem a Manoel de Oliveira a ordem de S. Thiago porque ao menos a fita roxa não desdizia da côr dos vinhos beirões. Ali foi contando logo dos remoques que dera ao novo commendador a respeito dos ricôs feitos á pressa, e de como o encontrára tristonho sem que todavia tivesse podido descobrir a causa. Corria então em Coimbra o boato de que a casa Oliveira se achava envolvida na fallencia de Bergenstein e C.^a de Hamburgo, correspondente do nosso honrado velho.

— O homem não estava contente, terminava o joven irmão de D.





J. Roth. del. e grav.

Silence. sc.

Christina, esfregando as mãos com jubilo e passeiando de um ao outro lado da loja. Elle... ha coisa!

Manoel de Oliveira entrou no gabinete com phisionomia descontente, e achou ali Henrique de Mello, a quem mandára pedir de manhã que passasse pelo escriptorio antes do meio dia, se lhe fosse possivel. Henrique não podia aturar Alvaro de Araujo, que assim se chamava o menino da voz de sovelão. Por isso quando lhe disseram quem estava na sala, passou pelo corredor para o gabinete.

— Aquelle pateta pol-o de mau humor, disse Henrique vendo a cara do velho.

— Eu já não estava contente, mas o tal biltre apurou-me a paciencia. Que insolente! E que voz!

— Não faça caso, sr. Manoel de Oliveira. Aquelles garotos são as serpentes da Europa. Para differença das outras acolhem-se aos povoados e grandes cidades; no resto são semelhantes. Da-se-lhes com o pé, e vae a gente proseguindo no seu caminho. Que noticias ha de Hamburgo?

— Pessimas. A liquidação talvez não produza tres por cento. Bergenstein fugiu para a America. Parece incrivel! Um homem que merecia o geral conceito, e chefe de uma casa que passava por ser a mais solida da Allemanha! Eu estou á espera do correio para escrever a Smith e Davis de Londres. Vou sacar sobre elles por cem contos em lettras inferiores a dois contos de réis cada uma. Descontar-se-hão em Lisboa, no Porto e na Figueira: aqui a administração do Contracto do Tabaco de certo toma uma porção. Nós temos em Londres... continuou o velho buscando sobre a meza uma nota dada pelo guarda livros.

— Smith e Davis, interrompeu Henrique, têm na mão ha um mez exactamente cem contos que se lhes mandaram pôr no banco. V. Ex.^a disse-me que já recebera aviso d'essa operação.

— É verdade. Veiu pelo paquete passado.

— Ora além d'esses cem contos, elles de certo receberam remessas de New Yorck, da Terra Nova, e de Buenos Ayres, que devem montar a outro tanto, se bem me recordo.

— É incrivel, meu caro Henrique, como ainda se lembra de tudo apesar de só ter informação dos negocios alguma vez por acaso. Realmente, Deos tinha-o talhado para negociante.

— Bem sabe quanto interesse tomo em tudo quanto pertence á sua casa. Tudo isto me correu pela mão tanto tempo.

— E que bem que correu! Desde que venceu a demanda com seu tio e que fiquei só, tudo me sáe contrario.

— Vamos. O caso não é tão feio como parece. São duzentos contos perdidos em Hamburgo, com cento e tantos das lettras que vão chegar recambiadas. Vem a ser trezentos e tantos contos. Ora tem em Inglaterra

cem em deposito, e talvez outros cem apurados. O vinho e azeite que está nas Docas pôde empenhar-se por cem contos. Ahi temos já trezentos. O que falta não pôde causar receios a quem possui trezentos contos de propriedades no reino, mercadorias em deposito nos portos de mar, numerosas dividas activas, e algum dinheiro em caixa.

— Isso é verdade. Com os trezentos contos de Londres, pagam-se as letras de Hamburgo, e ainda fica para... murmurou Manoel de Oliveira sem concluir a phrase.

Neste momento chegou o correio. As cartas particulares vindas pelo paquete inglez não diziam coisa alguma. Á saída do vapor era pouco procurado o vinho, porém, subira de preço o azeite. Não era má a nova porque no deposito de Londres havia maior porção de azeite, do que de vinho. Manoel de Oliveira e Henrique, estavam combinando mandar vender o azeite, e examinavam se nova remessa chegaria a tempo de aproveitar o preço do mercado, quando o guarda livros entrou espavorido no Gabinete.

— Que ha de novo, Sr. Caetano da Silva? exclamou Oliveira, admirado d'aquella entrada quasi theatral e tragica.

— Que ha de haver, Sr. Oliveira. A casa Smith e Davis de Londres suspendeu os pagamentos por causa das quebras Bergenstein e de duas casas de New Yorck. O aviso diz que os nossos cem contos ainda não estavam no Banco.

— Mais nada, Sr. Caetano? Respondeu socegradamente Henrique de Mello.

— E que mais queria V. Ex.^a que acontecesse? Volveu o guarda livros espantado. Olhe que esta casa tem na mão de Smith e Davis...

— Duzentos contos. Bem o sei. Com os duzentos que se perdem em Hamburgo, faz quatro centos; com cento e tantos contos das letras recambiadas temos quinhentos e...

— E cincoenta e cinco, acudiu o Sr. Caetano da Silva.

— Pois bem, continuou Henrique. São quinhentos e cincoenta e cinco contos. A questão é pagar o que se deve, e supprir a falta do capital perdido. Não é negocio do outro mundo. Eu desejava ver um balanço do estado actual da casa.

— Em duas horas posso dal-o prompto.

— Muito bem. O Sr. Oliveira está afflicto, como vê, pela amizade, e parentesco que tem com o Sr. Davis socio de Smith, porém a casa de Oliveira e C.^a não cae assim. Cá estamos todos para nos revesarmos ao leme. Tenha coragem, Sr. Caetano.

— Quem a não ha de ter? respondeu o guarda livros ainda desorientado. Basta ver o Sr. Henrique de Mello tão sereno como se o prejuizo fosse de dez ou doze contos!

— Talvez ainda venha a ser de menos.

Manoel de Oliveira quasi caíra sobre a meza em que costumava escrever, e ali ficára com os cotovellos ambos apoyados nella, e o rosto descansando sobre as mãos. Caetano da Silva que durante a conversação espreitára os movimentos de Henrique e de Oliveira para descobrir se haveria naufragio ou só tormenta, saiu do gabinete sem poder descobrir onde iria Henrique de Mello realizar de repente os meios de salvar o patrão.

— Estou perdido, meu querido Henrique, exclamou o velho Oliveira apenas o guarda livros fechou a porta. Estou perdido e a minha Annica ficará sem ter que comer. E eu que só cuidava em a deixar rica e independente! Que desgraça! Que desgraça! Agora hão de accusar-me das minhas despezas ordinarias, e de mil outras coisas. Que terrivel catastrophe!

— Sr. Manoel de Oliveira nada de perder a cabeça, e falle baixo. As paredes têm ouvidos e nas horas de desventura têm quatro ouvidos, em vez de dois. Vamos, seja negociante. Para se dar por vencido, sempre é tempo. Pois ha de cair tendo tanto com que resistir?

— Eu tenho com que resistir a um prejuizo de quinhentos contos? Tenho com que acudir ao pagamento das lettras recambiadas? Póde ser, Henrique? O seu talento é capaz de tudo, mas eu não avisto senão a quebra immediata, a deshonra, e a morte. E a minha filha, coitadinha, orphã e sem pão.

— Pois eu vejo melhor. Não contemos com o perdido. A dificuldade presente é o pagamento das lettras recambiadas e das que temos nas praças de cá. Para isso dispomos do activo inteiro da casa, que é superior a quinhentos contos.

— Talvez, se tudo podesse ser vendido em occasião opportuna, respondeu Oliveira, a quem o sangue frio de Henrique hia inspirando confiança.

— Pois nós faremos que seja opportuna. O Sr. Manoel de Oliveira na sua afflicção esqueceu-se de que eu tambem sou capitalista, e que não sendo negociante posso hypotecar os meus bens sem perder credito cuja falta venha a estorvar as minhas transacções. Parece-me, acrescentou Henrique com voz commovida, que não devia receiar que á sua filha viesse a faltar pão...

— Basta, Henrique. Perdoe-me, exclamou o bom velho já nos braços do amigo nos quaes viera lançar-se debruçado em lagrimas. A sua alma é a unica no mundo!

— Vejo que está agitado em demasia. E é necessario não se mostrar assim quando o Caetano vier com os papeis. Agora cumpre sustentar o credito.

— Mas então que quer que eu faça?

— Quero que não desanime, e que salvemos a sua casa, que é o fu-

turo de sua filha. O amor que lhe tem, deve robustecer-lhe a coragem.

— E robustece sim, disse Manoel de Oliveira limpando as lagrimas e indo sentar-se na sua cadeira. Aqui me tem prompto para tudo excepto para dirigir. Tenho a cabeça perdida. Caí de mui alto, meu caro amigo!

Ainda não caí, nem ha de caír, espero em Deus. Eu dirigirei, mas escreva a Salvador Lopes. É o primeiro capitalista do Rio de Janeiro e não o seria de certo sem o auxilio que V. Ex.^a lhe prestou tanto em Angola como no Brazil. Conte-lhe que a sua casa está em crise, mas que se pôde salvar com diligencia e boa direcção. Não lhe peça coisa alguma. Eu é que lhe hei de escrever a indicar-lhe o que elle pôde fazer, se quizer mostrar-se agradecido.

— Isso mostra de certo, que é um moço excellente. Alma como a de Salvador, só a sua, Henrique. E a mim que não me occorreu a idéa de lhe escrever!

— Pois bem, escreva-lhe, e vá descansar para casa. Nem palavra a sua filha. Se não pôde mostrar-se alegre, queixe-se da sua enxaqueca e deite-se. Quanto á casa, confie em mim, como se eu fosse seu filho.

Manoel de Oliveira escreveu a carta para o Rio de Janeiro, e obedecendo docilmente aos conselhos de Henrique desceu pelo braço d'elle até á porta da rua onde já o esperava a carruagem. No meio da escada parou, apertou a mão ao mancebo, e disse-lhe:

— Henrique. Eu já o amava com amor de pae. Agora a minha filha não tem outra pessoa sobre a terra. Não se arruine para salvar a minha casa. Lembre-se de quão arriscados são os negocios commerciaes, e que pôde não a salvar, e perder-se V. Ex.^a sem lhe ficar com que acudir nem a sua mãe, nem a minha filha. A esse golpe não resistia eu.

— Va descansado, Sr. Oliveira. Não havemos de chegar a tal extremidade e se por desgraça lá chegassemos, cada um de nós cumpriria o seu dever com firmeza e consciencia.

Quando Manoel de Oliveira depois de ter abraçado de novo o namorado de D. Anna, entrava para a carruagem, hia passando Alvaro de Araujo. Viera da Calçada á Sophia ver se no movimento exterior do escriptorio do negociante notava alguma differença.

— Então já vae para casa tão cedo, Sr. Manoel de Oliveira? Perguntou Alvaro de Araujo aproximando-se da traquitana. Disse-me ago o Rodrigues do Tabaco que as noticias do paquete são muito más. Fiquei pasmado quando elle affirmou que fallira aquelle parente da sua senhora...

Neste ponto o boleeiro a um signal de Henrique interrompeu a conversação e partiu com a traquitana, cuja roda quasi ía colhendo o bonifrate. Henrique voltou as costas e subiu para o escriptorio. O menino

ficou a limpar a manga do *paletôt* que a roda da carruagem lhe enlameára.

— Estão de mau humor, dizia elle em soliloquio intimo. Ah! Então a coisa é certa! D'esta vez leva-os a breca. Antes assim. Sempre é bem melhor ter propriedades do que capitaes. Eu não posso encarar os taes homens de dinheiro. O que elles querem é pilhar-nos as terras. É só o que lhes falta para supplantarem a nobreza. E a Christina a aconselhar-me que fizesse a côrte a D. Anna? Olhem que logração! Plebea, pobre e acostumada a gastar dez ou quinze contos de réis por anno! Arreda!

(Continúa)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

CURA DO AMOR

EXCERPTO DA TRADUÇÃO PARAPHRASTICA DE OVIDIO

Por A. F. de Castilho.

Ó vós que tendes fé nas leis que eu dicto
sob o delfico influxo, e as crêdes uteis,
ouvi mais, e gravae-o em vossa mente:
quem a salvar-se aspira, embora n'alma
sinta volcões a arder, finja-se neve
ante os olhos que o fogo lhe acenderam;
alardeie a mais plena sanidade.

Se se dóe, que ella a dor lhe não perceba;
ingula o pranto, e ria.

Na força da paixão, no auge da aguda febre,
não digo que um amante o captiveiro quebre;
seria lei cruel;
digo, que, não n'o estando, inculque estar liberto;
costuma-se ao papel,
e o que representou, por fim lhe sae já certo.

Isto sei eu de mim: que ás vezes, desejando
subtrair-me a beber, finjo somno, olhos fecho,
simulo rressonar, e o somno a passo brando
vem, vem vindo, me abraça, e emfim dormir me deixo.

No amor succede o mesmo. Ás vezes dá-me riso
ver um, por fanfarrão, fingir-se namorado,
ir os laços dispondo, orar-se-lhe o juizo,
caír como um patinho, e achar-se depenado.

Tudo é uso, e o uso é tudo;
 té o amor lhe está sujeito:
 fal-o o uso entrar no peito,
 o desuso o faz sair.

Quem se finge são, isento,
 colhe em premio d'esse estudo
 tornar certo o fingimento:
 são e isento reflorir.

Aprasou-te uma noite; ao praso acodes,
 dás co'a porta fechada; importa pouco;
 aos severos umbraes não soltes queixas,
 nem blandicias, nem raivas, como dantes,
 quando amavas devéras;
 não durmas ao relento
 no ingrato limiar, torna-te á cama,
 ressona a bom levar. Se ao outro dia
 a encontrar-vos tornaes, nada de queixas,
 de amúo, ou de tristeza!

Verás como depõe toda a altiveza;
 como á tua frieza

responde nella ardor; vantagem nova
 que inda em favor do meu conselho prova.

Mas o logral-a assim, pende, confesso,
 de não mui facil clausula: é preciso
 tu mesmo a ti logreres-te primeiro;
 não dizeres de estalo:

«vou-me acabar com este captiveiro.»
 Amor é como potro em picadeiro:
 mostrar-lhe o freio, é não querer domal-o.

Dissimula-te o fim de utilidade;
 ganha-o, sem l'o propores.

Amor é tambem ave, que se evade
 mal percebe as traições dos caçadores.

Se vês que estás mettido com vaidosa
 propensa para altiva, ao nescio orgulho
 maior orgulho oppõe, seus fastos quebra.

Passas, vês fóra d'uso a porta aberta;
 é negaça; progride; atraz não volvas,
 inda que ouças chamar-te.

Aprasaram-te noite? é recusal-a
 sob um qualquer pretexto.

Nada é custoso ao animo esforçado;
 e que o fosse! Ha tantissimos regressos!
 tão facéis! tão á mão! não é fraudar-te
 do prazer; é colhel-o de outra parte.

Póde alguém no que ensino arguir dureza?

Eu sou conciliador por natureza;
varios os genios vejo, as leis vario,
accommodo á doença o tratamento;
ataco a ferro e fogo um mal bravio;
noutro applico poções, e logro o intento.

Reconheces-te baldo de energia?
tentar fuga é façanha que te espanta?
sentes-te emfim rendido á tirania?
jazes co'os pés do Amor sobre a garganta?

Bem: não luctes; resigna-te; que o vento
leve o docil teu barco a seu contento.

E se não bastam vellas,
rema, voga tu mesmo ao sabor d'ellas.

Pobre faminto, farta-te; concedo;
triste sequioso, bebe; e tanto bebas,
que alfim nem possas mais; désfructa a pleno
favores do teu bem, continuos, certos,
sem quebra, sem obstáculos, sem medos;
imprega os dias nella, e nella as noites;
procura infastiares-te; o fastio
é para amor veneno. A fim de obtel-o
efficaz, segurissimo, não pares

no começo do tedio;

já te crês hom, ateima no remedio;
ateima, até não mais; até que o doce
te inspire, só lembrado, antojo e nausea.
Então podes sair; já tens vencido.

Morreu.... de indigestão morreu Cupido!

Zelos a amor dão pasto; o proscreevel-os
é proscreever o amor; vão fóra os zelos.

Um ciumento, um soffrego,
um miserando avaro,
sempre a sonhar com emulos,
nunca do objecto caro
tranquillo possessor,

não tem que tentar medicos;
ao seu furor lunatico
nem Machaon tão pratico
sabe remedio oppôr.

Terna mãe que tem dois filhos,
ama os dois; mas ama em dobro
ao que lhe anda em longes guerras,
ao que a traz sempre em sossobro.

Tal o trepido zeloso :
 quanto mais perder receia,
 mais se priva do repouso,
 mais a interna chamma ateia.

No templo a que deu nome a sicula Erycinna,
 templo de devoção junto á porta Collina,
 adora-se um Amor dito *do esquecimento*,
 cuja rara virtude acode ao nosso intento;
 por seu bom natural esse piedoso nume
 dentro em agua lethéa attufa o proprio lume.
 Lá qualquer amador que é mal correspondido,
 ou mulher que ame em vão (se a ha) depreca olvido.
 Pois disse-me esse deus, ou eu sonhei (supponho
 seria apparição phantastica de um sonho):

— «Tu que ensinas a amar, e a desamar ensinas,
 «e numa e noutra escola ostentas meu poder,
 «Ovidio, meu bom servo, o assumpto que examinas
 «regras novas admite; agora as vaes saber.

«Impoz a cada humano austera a divindade,
 «como onus do existir, algum profundo mal;
 «quem ponderar o seu, verá como se evade
 «o frivolo cuidado á vista do real.

«O triste a quem negra usura
 «no crebro apontar dos mezes
 «traz sempre nova amargura,
 «recorde-a todas as vezes
 «que lhe lembre a formosura;

«verá como o espectro amado
 «ante o do credor brutal
 «desparece horrorisado;
 «camarim de tanto agrado
 «transformou-se em tribunal.

«O que tem pai rigoroso,
 «que importa seja um mimoso
 «da fortuna em tudo mais?
 «ande-o sempre sem repouso
 «comparando aos outros pais.

«Aquelle pobre é casado;
 «a mulher não trouxe dote;
 «mas tem-no de prole insado;
 «onde ha hi mais rico mote
 «para perpetuo cuidado?

«Possues em propicio oiteiro
 «vinhaes de raro valor;
 «bem; mas póde traçoeiro
 «vir em março um nevoeiro
 «queimar todo o vinho em flór.

«Andam no mar lenhos vossos,
 «que vos trazem caudaes grossos;
 «tremei do incerto do mar:
 «véde naufragos destroços
 «longes praias a juncar.

«Qual tem o filho soldado;
 «qual a filha casadoira;
 «qual. . . emfim, para um cuidado,
 «a vida que mais se doira
 «tem sempre um cantinho azado.

«Se Páris bem ponderára,
 «como a paixão que nutria,
 «pais, irmãos, a patria cara,
 «e a vida, lhe custaria,
 «quanto, ó grega, te odiára!»

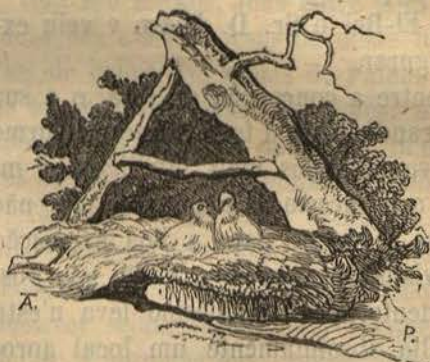
Assim fallando, a imagem menineira
 do meu sonho (se o era) se apagou.
 Ai! sem tal Palinuro, a nau aventureira
 como hei de ora reger nos mares em que vou?!
 Foi-se-me o ethereo guia! ávante; paciencia:
 se a inspiração perdi, conservo a experiencia.

UM PASSEIO

PELA

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DO PORTO

E pur si muove.



quelles que dizem que a industria em Portugal é uma planta exotica que vive de cultura forçada, responde a actual exposição promovida pela Associação Industrial Portuense, patente a todos nas magnificas salas e galerias da Associação Commercial do Porto.

As exposições anteriores, que em Portugal se tem realisado, em Lisboa e no Porto, se as compararmos com a actual exposição portuense de 1861, não se podem con-

siderar senão como louvaveis e uteis tentativas, que os entusiastas, pela industria nacional promoveram para excitar pela emulação o trabalho productivo da intelligencia, dos braços e capitaes, que se perdiam por inactivos.

Entretanto, apesar do pouco vulto que entre nós tomaram estas publicas manifestações, inclino-me a acreditar que, nas épocas em que se fizeram, retratavam ellas, senão fielmente, pelo menos com grande aproximação o progresso da nossa industria, que aos impacientes nos parecia lento e imperfeito, mas que em todo o caso era real e esperançoso.

Ninguém esperava, nem os proprios promotores da exposição, que esta apparecesse tão rica e brilhante, e muitos receavam até que a industria catalãa, chamada tambem a este concurso, viesse offuscar, com o seu brilho, hoje incontestavel, os productos das nossas fabricas.

Contra todas estas desconfianças e receios luctou a viva crença da Associação Industrial, e com tal fortuna, que o resultado, que vemos patente, justificou a sua patriotica confiança e os seus acertados esforços.

A industria portugueza e a industria hespanhola, como duas irmãs que se educaram em casas separadas, e quasi desconhecidas e incomunicaveis, reuniram-se agora em fraternal amplexo, ambas juvenis, bellas e esperançosas, sem que a formusura de uma offuscasse o merecimento da outra.

Este encontro espontaneo presagia o solido enlace economico das duas nações da peninsula; unica fusão iberica possivel na época actual, porém mais valiosa e util do que quantas fusões ou annexações politicas possam imaginar os theoreticos e utopistas.

Tudo concorreu para que a Exposição portuense de 1861 fosse testemunho irrefragavel do nosso adiantamento, e verdadeira festa nacional. A acertada iniciativa da Associação Industrial Portuense, a valiosa coadjuvação da Associação Commercial, o intelligente auxilio do governo, a annuencia dos industriaes portuguezes, hespanhoes e brasileiros, e o favor cordeal com que El-Rei o Sr. D. Pedro v veiu expressamente da capital para a inaugurar.

Não chegou a medear um anno entre a concepção da idéa e a sua realisação. As difficuldades eram grandes mas a todas venceu a firme preseverança da Direcção e a boa vontade dos mais intelligentes industriaes. A escolha do local foi a mais acertada, ainda que elle não satisfaz a todas as condicções que se requerem para a boa exposição dos productos e commodidade dos visitantes, porém o Porto não possui edificio mais eecomodado ao intento, e assim mesmo leva n'este ponto vantagem a Lisboa, aonde falta absolutamente um local apropriado para similhantes concursos industriaes.

O magnifico e bello edificio da Associação Commercial, apesar de não estar ainda terminado, é vasto e bem distribuido em salas e galerias que circundam um espaçoso pateo, e é n'estas salas, galerias e pateo que foram expostos os productos e distribuidos convenientemente, sem comtudo o serem em relação bem rigorosa com os grupos e classes do systema adoptado pela Direcção. O pouco tempo que houve para a collocação foi por certo o maior obstaculo a que se satisfizessem cabalmente as exigencias de uma exhibição methodica.

A parte externa do palacio da Bolsa, de elegante e grandiosa architectura, foi galhardamente embellesado com bandeiras, galhardetes e

flamulas, que, undulando ao vento, lhe davam um ar de festa, seduziam alegremente a vista e pareciam convidar a que entrássemos.

Não descreverei a cerimonia da solemne inauguração d'este concurso industrial, em que El-Rei exerceu uma das mais bellas prerogativas da Magestade, patenteando mais uma vez, e como sempre, o seu amor pelo progresso e bem estar do povo, que a Providencia confiou aos seus cuidados. O meu intento é unicamente dar aqui uma idéa succinta da actual exposição para que possa ser apreciada pelos que não puderam ter a fortuna de a visitar. São apenas as minhas impressões, recebidas n'um rapido passeio pelas galerias e transmittidas quasi ao correr da penna, que offereço aos leitores d'esta Revista a quem peço lhes não prestem outro valor.

Entrando no palacio da Associação Commercial, ou da Bolsa, como aqui lhe chamam, atravessando o vestibulo, dirigimo-nos á esquerda e a poucos passos encontramos a bella e antiga escada d'aquelle antigo convento de S. Francisco, cujo formidavel incendio foi um d'aquelles notaveis e temerosos incidentes da heroica lucta da nossa restauração politica. É esta escada a que ainda hoje serve os pavimentos superiores do edificio moderno. Entre os espaçosos e suaves lances d'esta escada existe um espaço quadrado, uma verdadeira sala illuminada pela grande claraboia que a protege. É n'este local em que se acham expostos os productos da industria mineira que concorreram á exposição.

Não são muitos, mas entre elles se acham os representantes das explorações mais valiosas do norte do Reino. Vemos ali os ricos mineiros de cobre das minas do Palhas e Carvalhal, no districto de Aveiro; as magnificas galenas do Braçal e as barras de chumbo d'esta lavra, com outros minerios de menor importancia juntos aos bellos exemplares de estanho e antimonio da Rebordosa e Valongo.

Tambem ali se vêem magnificas amostras da hulha secca e antracite expostas pela administração das minas de S. Pedro da Cova, pertencentes ao sr. Conde de Farrobo. É pena que os preços d'este combustivel sejam tão excessivos que o seu consumo não possa estender-se a algumas das grandes industrias do paiz, que o podiam utilizar, dando maior vulto á exploração que serve apenas ás defeituosas cosinhas da cidade eterna.

Subamos ao primeiro pavimento e entremos na galeria, que pelos tres lados, do sul, do nascente, e do norte se acha adornada na maxima parte com innumeraveis peças de tecidos de algodão do maior consumo.

A natureza da exposição actual, pela concorrência dos productos hespanhoes e brasileiros, participa, até certo ponto, da indole complexa das exposições universaes e internacionaes.

D'aqui nasce uma questão, difficil de resolver, sobre a collocação

dos productos, e que não é indifferente para o estudo e para apreciação dos jurados. Devem os productos similares dos diversos paizes collocar-se conjunctamente, só em attenção ás respectivas classes? Devem expor-se separadamente os productos das differentes nações, repetindo para cada uma d'ellas a classificação? Se se adopta esta ultima idéa, são tantas as exposições simultaneas, quantos os paizes que concorrem. Foi o que se fez nas duas exposições universaes de Londres e Pariz. A fiscalisação dos interessados lucra com este arbitrio, mas o estudo perde, porque a comparação se difficulta. Não discutirei agora esta grave questão, que se póde considerar debaixo de muitos pontos de vista; direi unicamente que a Direcção não pareceu preoccupar-se com ella: considerou todos os industriaes portuguezes e hespanhoes como irmãos; collocou os seus productos promiscuamente, e realisou aqui o grande pensamento economico da liga industrial e commercial de ambos os reinos da peninsula, sem que a ninguem, nem a portuguezes nem hespanhoes occorresse a idéa de constituir por esse facto uma Iberia politica.

Os industriaes catalães, que aqui se acham, gente séria e positiva, querem, como nós queremos, a liga das alfandegas peninsulares, teem fé de que se ha de realisar um dia, mas nem pensam na Iberia, nem a julgam possivel, nem util, e menos ainda necessaria para a prosperidade e engrandecimento da peninsula.

Mas voltemos á exposição, e sigamos a galeria do sul, que nos fica á esquerda. Os primeiros objectos que encontramos são exactamente os excellentes fustões, cotins e outros tecidos de algodão de um fabricante de Barcelona (Gilbert e Comp.^a) e logo apar d'elles os cotins e tecidos mixtos das fabricas do Porto, riscados de Lisboa, gangas, chales e lenços do Porto; os algodões ou pannos crus da companhia de fiacção do Calvario, em Lisboa, que hoje logram consumo importante pela barateza a que chegaram, satisfazendo assim uma das primeiras condicções da nova escola economica; vemos depois as flannels e beitolhas de lã e de algodão, cobertores e outros artefactos analogos; os algodões fiados e brancos das fabricas de Xabregas, de Vizella e de Crestuma que attestam serio progresso; os algodões já ricamente tintos da fabrica de Xabregas, e tambem os seus panninhos de cores e lustrados que nada teem que invejar aos estrangeiros.

É forçoso retroceder pela mesma galeria para continuar o nosso passeio e revista, porque as obras de construcção, que se continuam na galeria do poente, nos não permitem transitar por ella.

Na galeria de leste os primeiros objectos expostos são as ricas lonas e tecidos fortes de linha da fabrica de Torres-Novas, já bem conhecidos em Lisboa e por todo o paiz: apar d'elles vemos os brins da Cordoaria de Lisboa. Encontramos ainda aqui os riscadinhos da fa-

brica de fiação de Santo Amaro, em Lisboa, e logo os lenços estampados da Catalunha em contacto com os de vivas cores mas de mediocre gosto da fabrica de Rio de Mouro, fabrica que n'este genero representa o partido conservador industrial. Na industria, assim como na politica ha ainda, e haverá sempre, quem pense que se póde e deve travar a roda do progresso.

Seguem-se ainda alguns cotins do Porto; obras de meia em tear, já de bastante merito, da fabrica da rua de Santo Amaro, em Lisboa; os classicos pannos de linho tecidos pelas nossas Penelopes da provincia do Minho que recordam os tempos heroicos da Grecia e Roma; veem-se, apoz estes, os panninhos e finas cambraias de algodão, as toalhas de meza, e sobre tudo maravilham as cassas e chitas primorosamente estampadas das fabricas catalãs pertencentes á sociedade Hespanha Industrial, e a D. José Ferrer e C.^a e outros industriaes de Barcelona. É n'esta parte da exposição dos tecidos e estamperia em algodão que se nota verdadeiro e incontestavel progresso. Todos admiram o primor e perfeição da estamperia de Barcelona que em coisa alguma se mostra inferior ás estamperias francezas e inglezas.

Na galeria do norte continua a estamperia das fabricas portuguezas, e, entre os productos ali expostos, distinguem-se já com superioridade as chitas e tecidos estampados dos srs. Anjos Cunha e Miranda, de Lisboa.

Vesitamos agora as salas d'este primeiro pavimento. Na primeira, a contar da entrada, estão expostos muitos e variados objectos que pertencem á 25.^a classe, em que se acha reunido tudo o que se refere ao vestuario: obra de alfaiate, sapateiro, chapeleiro, etc. A chapellaria Lisbonense nada deixa a desejar; do Porto apparecem chapéus muito bem fabricados; as umbelas que são todas do Porto, merecem attenção pelo seu trabalho, mas revellam gosto pouco apurado nas consumidoras, que parece querem antes afugentar o sol com as sedas e ornatos dos seus chapelinhos, do que abrigar-se unica e modestamente dos seus raios. O calçado do Porto está bem representado para ambos os sexos, mas brilha entre todas as obras d'este genero a exposição de mestre Stelplufg de Lisboa. Nas obras de alfaiate ha alguma coisa que ver pelo bom acabamento e perfeição de costura.

As rendas que ali se veem são as bem conhecidas e mais vulgares de Peniche e outras localidades, mas, em abono da verdade, em Portugal fabrica-se melhor do que aquillo que ali se acha exposto. Nota-se aqui uma toalha ornada com *guipure*, obra da paciencia e habilidade de um parocho, que, a ser julgado pelo seu trabalho n'este genero, deve ser excellente padre, benevolo, pacifico e paciente.

A exposição das flores artificiaes nem de longe nos recorda que estamos na patria do celebre Constantino; são aquellas flores de pennas, e pena fazem quasi todas ellas..

A segunda sala foi exclusivamente destinada ás saboarias. N'esta parte a industria portugueza e o principio da liberdade industrial alcançaram assignalado triumpho. Não se fabrica melhor em parte alguma do mundo ; os sabões de Marselha, que aqui viessem, achar-se-hiam entre os seus pares. A exposição do sr. commendador Velado, dono da fabrica e do palacio do Freixo, não é só uma exposição de sabões é ainda uma exposição artistica : tem feito fanatismo. Admira como de um pedaço de sabão branco se fez uma bella estatueta que parece de marfim a ponto de illudir ; estatueta, que, apesar dos dias de excessivo calor porque havemos passado, se conserva inalteravel e inflexivel sobre o seu pedestal de sabão de marmore raiado de azul. É um verdadeiro primor. Emparelha com outra de egual dimensão feita de sabão translucido que imita a cornalina escura. Não fallo já dos lindos fructos e finos sabonetes perfeitamente envolvidos, incitando os das perfumarias franceza e ingleza, que revelam muito gosto e saber da arte, mas chamarei a attenção dos intendedores para a parte séria d'esta exposição, que está principalmente nas qualidades dos diversos sabões de mescla e resinosos que se acham expostos com a indicação de preços extremamente modicos e satisfatorios.

A exposição da fabrica de Val de Amores, pertencente ao srs. Castro Silva e filho, quasi que eguala á do sr. Velado : excellentes sabões de todas as qualidades, fabricados com perfeição e esmero, dispostos com muita elegancia e quasi com o mesmo gosto artistico. Causa na realidade prazer o entrar n'esta sala e sente-se certo orgulho em pensar que em dois annos de liberdade no fabrico do sabão chegámos a este ponto de progresso.

A terceira e quarta salas foram destinadas a coisas que muitos d'entre nós chamam ainda bellas artes. Não me atrevo a descrever, e ainda menos a criticar a multiplicada variedade de objectos que ali se se acham reunidos ; entretanto ha n'aquellas salas algumas peças de escultura em madeira que se póde chamar industrial, em modelação e desenho de ornato e em photographia que não é para desprezar. Alguns, mas poucos, quadros a oleo, dos que merecem o nome de pintura artistica, fluctuam, perdidos sem esperanza de salvação, n'um immenso mar de ninharias e horrores : passemos adiante.

Na quinta sala, que é pequena em dimensões, estão os productos chymicos portuguezes e hespanhoes, os preparados pharmaceuticos de Lisboa e Porto, que todos se apresentam com muita distincção, e a par d'elles, em mostrador especial se acham os vinhos finos do Porto, Madeira e outras localidades.

Nas duas salas immediatas, que são as mais bellas do edificio (6.^a e 7.^a) estão expostos, n'uma harmoniosa desordem, os moveis, os pianos, violas e rebecas, livros ricamente encadernados, e outros obje-

ctos de mobilia de luxo. Alguns dos pianos teem soffrivel apparencia, porém no meio da alluvião d'estes grandes instrumentos, que tendem a tornar a muzica vulgar, é necessario sermos difficeis e exigentes, para não animarmos imprudentemente a mediocridade, que infelizmente se vae fazendo altiva senhora em toda a ordem de coisas com risco eminente da verdadeira arte. Entre os objectos de marcenaria notam-se alguns moveis de bom gosto e perfeito trabalho como são a meza de ebano do sr. Joaquim Caetano, um contador do sr. Dejanete, a primorosa mesa de bilhar de D. Francisco Amorós de Barcelona e ainda outros moveis de madeira estufados, ou dourados de fabricantes de Lisboa e do Porto.

Duas portas nos conduzem ao magnifico salão onde se ostentam com brilho e luzimento as sedas, os damascos, os brocados, os veludos, as rendas, as blonds, os pannos, as casemiras e fazendas de lã das melhores fabricas da Peninsula. Vêem-se aqui as ricas sedas lisas e lavradas e os damascos dos teares da viuva e filhos de D. João Escuder que são os mais notaveis de Barcelona, e as rendas e blonds de D. José Fiter, o primeiro n'este genero na mesma cidade. Notam-se entre os seus artefactos, uma alva da mais primorosa renda, que se póde imaginar, digna de revestir um Papa, e ante a qual as rendas de Bruxelas de Malines e Valenciennes não disputariam primasia, e ainda uma feiteira mantilha branca de blond que foi comprada por El-Rei e é por certo digna de um parente real.

Os brocados, os damascos, as sedas lisas e de fantasia de alguns fabricantes portuguezes de Lisboa e Porto são dignos de notar-se, e mereceram por certo especial attenção dos jurados, porque todos esses artefactos revelam incontestavel desejo e até decidida vontade de egualar o que, n'este genero de industria, teem realisado os fabricantes mais adiantados das mais adiantadas nações. Citarei aqui, e só para memoria, os nomes dos srs. Joaquim José da Silva, Viuva Ferreira Campos, e Rodrigo Lima Lobo, do Porto, e dos srs. Cordeiro e Ramires, de Lisboa.

Os pannos de lã e as casemiras da Catalunha, principalmente as casemiras de alta novidade (estyllo de mercadores e alfaiates francezes) figuram n'esta exposição de um modo honroso para a industria hespanhola, e os nomes dos srs. Cammany, Pedro Turull, Sallarés, Casanovas, Duran, Miarons e Doria ficam entre nós bem conhecidos pelos seus bellos artefactos.

Porém o que muitos não esperavam era o quasi milagroso incremento que em Portugal tem tido n'estes ultimos annos o fabrico dos pannos de lã em todas as suas caprichosas variedades. É n'este genero variada em extremo a nossa exposição, e mais do que variada, rica e quasi oppulenta. As fabricas de Portalegre, as da Covilhã dos srs.

Francisco Nunes Marques de Paiva, José Mendes Veiga, e Mello Geraldês; a de Pardonello do sr. Garcia Ribeiro, a da companhia de lanifícios de Cordello, a de Arrentella, e a do sr. Daupias no Calvario em Lisboa estão todos ali dignamente representados por grande variedade de productos em que primam as casemiras, os pannos aveludados e pilotos, e os pannos de mescla de algumas d'ellas. Os intendedores e os economistas teem na comparação dos preços dos pannos portuguezes e hespanhoes materia para discorrer e argumentos muito favoraveis aos nossos industriaes.

Deixando a custo e com saudade esta formôsa sala, subamos ao segundo pavimento e percorramos as gallerias por onde ainda se estende a exposição. Do lado do norte temos os tubos de drenagem, cuja fabricação é entre nós recente e se deve ao zello patriotico do sr. José Augusto Braamcamp. A agricultura portugueza estava reclamando este poderoso auxiliar, e é natural que a elle se socorra sem hisitação. Apar dos tubos de drenagem veem-se alguns tejos oucos tão uteis na arte das construcções civis.

Umhas poucas de manilhas de grez representam ali a memoria de João de Araujo Lima, que creou no Porto a fabricação do grez ceranisco: foi este prestante industrial o principal promotor da presente exposição de cuja vista o privou uma prematura morte.

A administração das matas do reino, o Arsenal de Marinha, e o sr. Valente, de Oliveira de Azemeis, teem logo em seguimento uma numerosa colleccção de madeiras. É tambem n'este local que se acham alguns productos agricolas, que não fazem vulto, e amostras de cortiça em bruto e rolhas bem fabricadas.

Segue-se a exposição dos papeis de algumas fabricas portuguezas e hespanholas, em que não ha muito que possa captivar a attenção a não ser a superabundancia d'esse papel expressamente fabricado para envolver essa planta venenosa com cujo fumo nos estamos narcotizando, e deteriorando a nossa especie. Ha tambem ali um papel feito com a palha do sorgho, imperfeito ainda, mas que poderá melhorar-se com vantagem da agricultura e da industria.

Os maritimos encontram n'esta mesma galeria modelos de barcos, cabos excellentes, moitões e outros objectos para uso da navegação.

Na galeria de leste temos as tão portuguezas esteiras de palha marcando sempre o passo n'esta marcha industrial. Aparecem de improviso e sem transicção junto a ellas as bebidas fermentadas, as limonadas gazozas, as aguas de Seltz artificiaes, as conservas alimenticias, as caixas de excellentes frutas confeitas, que esperam a reduccção nos direitos do assucar para constituirem um ramo importante de trabalho industrial e de commercio todo nosso; mas não repare o visitante

n'uns abominaveis especimens de confeitaria que ali se acham : de certo que foram ali collocados por descuido e inadvertencia.

Mais adiante estão, em mostrador especial, os oleados, já perfectos para os consumidores, que não requerem demasiado luxo n'estes artigos. Em frente estão os moveis de verga fabricados na Madeira, que seduzem pela singeleza e frescura, e talvez por uma certa innocencia primitiva.

Na galeria do sul estão as pelles cortidas e envernizadas que se offerecem ao exame dos intendedores n'este ramo de tanto consumo e difficil apreciação.

O numero das salas que n'este pavimento se acham occupadas pelos productos industriaes é muito menos do que no primeiro : apenas devemos mencionar tres.

Na primeira do lado do norte estão as porcellanas já bem conhecidas da Vista Alegre sustentando sempre a sua antiga reputação. A par d'ellas vêem-se apenas tres vasos de faiança commum de Coimbra ; bons no seu genero, modestos e nada mais. A ceramica de Portugal não póde portanto ser julgada pelo que ali se vê. Porque não quiz ella vir a este concurso? Pergunto, e não sou obrigado a responder.

Ao lado das porcellanas estão os vidros, e n'este ramo appareceu alguma coisa que se não tinha ainda visto nas anteriores exposições, e com a melhor razão, porque não existia ainda quando ellas tiveram logar. São as vidraças, lizas e caneladas, da fabrica do Cavaco em Villa Nova de Gaya, em que trabalham os srs. Carimir Pierre e Michon ; bellas vidraças de boas dimensões e sem defeitos que nos promettem uma verdadeira regeneração n'este ramo de vidraria. A par d'estas estão tambem as vidraças da fabrica do Cuvo, proximo a Oliveira de Azemeis, e pertencente ao sr. Castro e Lemos.

Dos cristaes da Marinha Grande que esperam os leitores que lhes diga ? Fazem-me lembrar certos personagens, muito respeitaveis pela sua antiguidade, que, sem se aperceberem que as novas gerações se succedem fatalmente e lhes tomam o passo, se obstinam a figurar em todas as funcções com as modas e adornos de outras eras. O mais que podemos fazer áquelles cristaes, como a taes personagens, é receitar-lhe as aguas de Juvence.

Proximo dos cristaes macrobios da velha Marinha Grande estão os do Rio de Janeiro dos srs. Castro Paes & C.^a, cristaes lapidados de duas côres, outros com esmalte, e alguns incitando ou querendo incitar os vidros de phantasia de Veneza : estes ultimos de muito longe illudem ; de perto não seduzem, e entretanto mostram desejos de agradar o que é já uma boa e louvavel tenção.

Em frente estão objectos em obra, armas e petrechos. Os instrumentos cirurgicos e toda a cutelaria do sr. Antonio Polycarpo, de Lisboa,

sustentam a sua bem merecida reputação. Os arsenaes da marinha e do exercito expozeram ali algumas armas e petrechos, mas não devem querer que pelo dedo se conheça o gigante. Os expositores de Guimarães vivem no berço da monarchia e a sua cutelaria é nimamente primitiva e conservadora, pelo menos n'esta exposição.

Na sala immediata collocou a direcção das obras do palacio da Bolsa os modelos de ornamentação, executados pelos alumnos da escola industrial do Porto, que provam a grande aptidão dos alumnos e a boa direcção do ensino n'aquella esperançosa escola.

Na sala, que está proxima, acham-se expostos innumeraveis objectos de natureza e indole diversa, que não tendo logar em outra parte, ali se vieram albergar e vivem em boa, mas disparatada harmonia, como as aves que de diversas regiões do globo e diverso aspecto se resignam a viver e cantar no mesmo viveiro. Os lindos e quasi deliciosos tamancos de Penafiel, que provocam os delicados pés das damas; o chumbo granizado para a caça, que ameaça as innocentes avesinhas; os pentes de tear; escovas de variadas formas e para varios usos, porque muito ha que escovar; relogios de torre em traje menor, e não digo em osso por serem de metal; obras de funileiro que não brilham nem espantam; mimosos cestinhos de verga; cartonagens incriveis e absurdas; guarda-chuvas collossaes de algodão prestes a abrigar toda uma freguezia do populoso Minho; mil outras coisas urgicas, e sobre tudo uma collecção de mascaras de cêra de cabellos hirtos, asquerosa barba, dentes desconjuntos, e olhos varios que olham para esta orgia industrial com medonho sorriso.

A ultima sala d'este pavimento, que fecha a exposição dos andares superiores, foi destinada á orivesaria; mas, d'esta fortuita collocação dos productos, que podem symbolisar a riqueza no que ella tem de mais material, não queiram os criticos concluir que a ultima ou final aspiração da industria é a supermacia que se attribue ao ouro. Lá está no meio d'esta exposição de metaes preciosos e entre os objectos enviados pela Catalunha, uma primorosa cruz de metal doirado, que se levanta como o symbolo da redempção moral da especie humana. O delicado e paciente lavor d'esta cruz, no estylo do renascimento, parece estar indicando quanto foi difficil mas bello o trabalho da regeneração christã.

Não são muitas as peças preciosas que ali se acham expostas, mas entre ellas notam-se joias do sr. Mourão, do Porto, joias de muito gosto e valor pelos ricos e limpidos brilhantes que as adornam e pelo correcto desenho de suas formas.

Entre as peças de prata, pela maior parte bellas, vemos um jarro e bacia de alto relevo e lavor, do sr. Estevão de Sousa, de Lisboa, que agrada a todos os amadores. É para sentir que os nossos ourives

de prata não possam dar ao metal o brilho que elle póde receber, nem façam contrastar a prata fosca com a polida, no que são tão eminentes os artistas inglezes.

Desçamos finalmente ao pateo central aonde se acham as machinas em pleno trabalho, e cujo ruidoso estrondo acompanhado do incessante sussurro da agua se ouve atravez das salas e galerias em todo o nosso transito, como se fôra musica apropriada entoando o hymno do trabalho moderno.

O pateo, que era o grande claustro do antigo convento, visto já das janellas dos pavimentos superiores, apresenta aspecto seductor e em perfeita harmonia com esta festa industrial. Um grande toldo o cobre e nos abriga dos ardentes raios do sol; no centro d'elle levanta-se um quasi colossal chafariz de granito, que apesar de não ser bello, não é distituido de certa magestade; a agua que d'elle constantemente se despenha no seu tanque refresca e humedece deliciosamente o ar.

Em torno d'esta fonte e no espaçoso ambito do pateo estão dispostos os variados objectos que ainda nos resta a examinar. Aqui as prensas typographicas da fabrica de Massarellos esperam só pela composição do typographo para multiplicar e vulgarisar sabe Deus o que e para que; muita idéa sublime, muita verdade, muita inepecia e não poucas mentiras. Ali uma bella machina a vapor, vertical e portatil, pertencente á mesma fabrica e com a força de seis cavallos, em plena actividade, transmite o movimento á machina limpadora de lã, que tem por officio separar da lã apenas lavada, os argueiros e poeira que a inquinam. Junto está uma pequena bomba da invenção do sr. Gaspar da Cunha Lima, a qual, pelo movimento de dois helices conjugados, que se movem rapidamente dentro de uma caixa circular de ferro, impelle grande porção de agua, fazendo-a subir a mais de cinco metros, por um largo canno d'onde se despenha sobre o tanque do chafariz; a idéa d'esta bomba é nova, simples e engenhosa; é natural que ache sérias applicações, mas quando outras nao tivesse, podia já servir nos jogos de aguas para alimentar as grandes fontes ou cascatas pelo continuo movimento da mesma quantidade de agua, elevando-a, sem interrupção, do tanque, á proporção que n'elle se despenhasse.

Mais adiante estão balanças decimaes de dupla escala, que dão o peso em kilogrammas e arrobas e suas subdivisões respectivas. Seguem-se fogões, estufas, bancos e outros objectos de ferro coado.

De outro lado estão as machinas de vapor da fabrica do Bicalho, verticaes, horisontaes e de cylindro oscilante; as machinas hydraulicas, uma turbine, as norias, estanca-rios e um carneiro hyraulico ou ariete, que de tempos a tempos nos atroa com as suas estrepitosas marradas.

Encostadas a um dos muros vemos umas poucas de machinas agri-

colas entre as quaes se distingue um debulhador de milho que parece ser commodo e de economico emprego.

Mais áquem temos algumas carroagens, de fabricantes de Lisboa e Porto, de soffrivel apparencia, bem estufadas interiormente, mas de mediocres vernizes e imperfeitos metaes. Os seus preços são exaggerados se os compararmos aos preços das carroagens inglezas, francezas e allemãs.

Uma industria modesta, mas valiosa, se acha ali representada nas bem acabadas e solidas vasilhas das tanoarias de Villa Nova de Gaya.

Em torno de uma imperfeita machina de fição de seda, com cujo auxilio uma pobre mulher e uma creança desenrolam e dobam em meadas os delicados fios dos casulos, se ajunta sempre um grupo de senhoras attrahidas por aquelle interessante trabalho, primeiro passo da industria que lhes prepara os luxuosos tecidos com que se adornam.

Mas é já tempo de terminar tão longo passeio, e conversação tão extensa. Não quiz descrever a exposição industrial; corri por ella, e reproduzi as minhas primeiras impressões. O exame minucioso, a rigorosa apreciação, o julgamento definitivo dos productos nem póde ser feito n'uma rapida excursão, nem tem cabimento um trabalho d'esta natureza. Esperemos o julgamento dos jurados e a meditada apreciação dos competentes; mas o que podemos já concluir de tudo isto é que o mundo não pára, que o trabalho util triumphha, e que Portugal dorme muito menos do que muitos injustamente suppõe.

Porto, 31 de Agosto de 1861.

J. PIMENTEL.

NOTICIA SOBRE OS VERSOS

DE

EDUARDO AUGUSTO VIDAL



a pouco mais ou menos tres annos, estando um dia em minha casa, vieram dizer-me que me procurava um aspirante de marinha com uma carta do nosso insigne escriptor, e meu estimavel amigo, Rebello da Silva.

Apressei-me em ir recebello-o.

A carta era de recommendação, e o portador d'ella o Sr. Eduardo Vidal, já conhecido dos leitores da *Revista*, por duas mimosas poesias que tem publicado n'este jornal.

Rebello da Silva pedia a minha opinião sobre as composições do poeta que me apresentava.

Posto que me lisongeasse a confiança que depositava em mim o meu illustre amigo, nem por isso deixei de sentir um certo calafrio correr ao longo da espinha dorsal, olhando e vendo de baixo do braço do meu apresentado um volumoso manuscrito.

Estaria condemnado a tragar de um folego as longas composições de mais um bisoiro do Parnaso? Pertenceria o inexperiente cultor das musas a essa desapiedada familia de vates, esguios como o cipreste, e soturnos como o cemiterio onde vão buscar as suas inspirações?

A sympathica phisionomia do Sr. Vidal, e as singellas phrases que me dirigio, desvaneceram em breve estas desagradaveis apprehensões.

— Tomei a liberdade de procural-o, com esta carta do seu amigo Rebello da Silva, porque desejava que me desse a sua opinião a respeito dos meus humildes versos, disse elle com certo tremor na voz.

Sorri-me involuntariamente por ver o embaraço que produzia a minha obscura pessoa no animo delicado do juvenil poeta.

O mesmo me havia n'outro tempo succedido, mas diante de quem? De Herculano, Castilho e Garrett quando lhes recitei as minhas primeiras poesias.

— Não lhe quero tomar o tempo, prosequio elle, quando tiver vagar e paciencia para ver este livro, peço-lhe que me diga se devo ou não publical-o.

E estendendo-me o manuscripto dispunha-se a partir.

Instei para que ficasse, e me lê-se alguma das suas composições.

À medida que os versos se iam desatando, notei, a par das incorrecções proprias dos 18 annos, que tinha o poeta, certa graça e naturalidade pouco vulgares. Admirou-me tambem a finura do seu ouvido methrico porque não tinha um verso errado. Escusado é dizer que não faltavam as imagens falsas e de máu gosto, os logares communs, por vezes a ausencia da grammatica e grandes imperfeições de estilo. Mas havia ali perdidas no meio de muitas trivialidades, bellezas de colorido, finuras de sentimento, e certa originalidade que annunciavam um engenho delicado.

No fim de haver lido algumas estrophes, disse-me:

— Que lhe parece?

— Parece-me que não deve publicar o seu livro.

O poeta deixou cahir o manuscripto e fez-se pallido como um defunto.

— Não se assuste. Se eu não tivesse visto, nas composições que me leu, brilhar por vezes o fogo da verdadeira inspiração, dizia-lhe que as publicasse a correr. A indifferença geral se incumbiria de o enganar, posto que os poetastros nem com isso desanimam; mas eu julgo que o meu amigo, tem talento para fazer muito mais, se quizer apurar o gosto nos bons modellos, e applicar um exame mais consciencioso aos seus versos.

Respondeu agradecendo-me, retirou-se, e ao cabo de alguns mezes appareceu-me com o seu volume reduzido á quarta parte.

A luz dos meus fracos conselhos tinha servido para que o poeta visse com animo mais desassombrado as suas obras, dando-lhe ao mesmo tempo coragem para entregar ás chammas uma grande parte das suas inspirações.

Desde essa época travaram-se entre nós relações de estreita amisade, e de dia para dia tenho tido occasião de admirar a marcha progressiva da sua fina intelligencia, infelizmente condemnada a procurar meios de subsistencia copiando officios e somando algarismos n'uma repartição do estado.

E Deus lhe dê força e coragem para affrontar com esias prosas da vida, por que se quizesse sustentar-se com o producto dos seus delicadissimos versos, ficaria litteralmente a morrer de fome!

Força e coragem! Mas qual é o poeta que a não tem? Onde se encontra um genio de eleição, que não tenha cantado no meio das estreitezas e penurias da vida! Almas inspiradas, que atravessem as regiões nublosas de *la cité dolente*, na suave esperança de chegarem aos ridentes jardins do paraiso!

Esperança que tantas vezes se apaga no tumulto!

A sociedade revolve-se no meio-dos seus calculos ambiciosos, e o poeta alheio a elles geme e canta, accordando ás vezes um êcco de sympathia nas organizações delicadas, porém as mais d'ellas provocando o sorriso mofador das vulgaridades, e os sarcasmos dos zombeteiros que lhe chamam louco!

E comtudo são estes loucos, que levantam em nações como a nossa o monumento immortal dos *Lusíadas*, salvando-a de acabar n'uma longa e vergonhosa agonia!

As prodigiosas harmonias de Castilho, os cantos deliciosos do auctor da *D. Branca*, a leitura do nosso Camões, principalmente nas poesias lyricas, em que o poeta é assombroso, desenvolveram no espirito de Vidal o gosto que promette aprimorar-se com o tempo e com o estudo.

Nos versos que ultimamente tem escripto, e que se acham inéditos, revella o poeta instinctos de um talento superior.

Ha nas suas composições a singelesa e perfume, que poucas vezes se alcançam em tão verdes annos. A alma dilata-se suavemente por aquelles affectos expressos com tanta ternura e naturalidade. São cansões que respíram a frescura dos primeiros dias da adolescencia. Felizmente a sua musa não se vota a cantar as sepulturas nem a sua lyra se adorna com os funerios goivos das campas! O seu estro emflama-se na presença dos es-

plendores da natureza ; as suas heroínas não são as donzellas pallidas e desgrenhadas, que apparecem nas chacaras e solaós dos rimadores insulsos ; mas sim as graciosas ficções que povoam os sonhos da juventude, toucadas com as singellas flores das agruras, candidas e risonhas, como as virgens de Theocrito.

Na poesia de Vidal que hoje vamos dar á estampa, podem os leitores admirar as tentativas de um talento escolhido, e anteverem os primores futuros de um poeta distincto.

Oxalá que as circumstancias o não obriguem a depor a lyra, e a deixar na prosa chata da vida, como tem succedido a tantos, os mimosos perfumes da sua poesia !

Setembro, de 1861.

BULHÃO PATO.

LEMBRAS-TE

Bemdito, instante bemdito
Em que o bater do teu seio
Veio a minha alma acordar!
Como foi supremo o enleio
D'aquelle extasi sem par!
Bemdito. — Tanta ventura,
Se uma vez pouça na vida,
Inda deixa apoz a ida
Suaves horas de amor:
É como o vento do estio
Que passa doce e ligeiro,
Mas que apoz derrama o cheiro
Com que o perfumou a flor.

Ai, amada—como a vida
Nos correu n'aquelle encanto,
Como tudo ali foi santo
N'essas horas de prazer;
Como tu eras ditosa,
Como eu sorria contente,
Sentindo n'alma e na mente
Todo o fogo recrescer.

Espera, vou recordar-me
De tudo quanto gozei;
Será loucura o lembrar-me?
Quem sabe se eu sentirei
Saudades do que passei!...

Ouve: a hora era ao sol posto,
 O sitio junto do mar;
 E tu, reclinado o rosto
 Sobre a mão mimosa e bella,
 Estavas triste á janella,
 Triste, sósinha a pensar.

Passei, olhaste-me: os anjos
 Tambem olham para o mundo;
 Sorriso que vem do fundo
 D'entre os labios te rompeu.
 Coraste: os raios divinos
 D'esse sorriso douravam
 A tua palida fronte,
 Como doura a flor do monte
 O sol que rompe do ceo.

Como eu voei aos teus braços,
 Como tu voaste a mim,
 Que delirantes abraços,
 Que fallas de amor sem fim!
 Oh, como a razão n'essa hora
 Se esvaia entre gemidos,
 Quantos beijos confundidos
 Felizes demos então;
 Como era grata a existencia,
 Como era suave a vida,
 Ali — pendendo embebida
 Da tua pura innocencia,
 Da minha louca paixão!

Ai, amada, como a vida
 Nos correu n'aquelle encanto,
 Como tudo ali foi santo
 N'essas horas de prazer;
 Como tu eras ditosa,
 Como eu sorria contente,
 Sentindo n'alma e na mente
 Todo o fogo recrescer!

Mas depois, quando te dei
 O beijo da despedida,
 Quando na boca incendida
 Mil fallas te segredei,
 Mil e mil de tanto amor,
 Não sei que senti, não sei
 Se foi jubilo se dôr.

Vida que em tua alma eu tinha,
Alma que tinhas em mim,
Razão que de ti me vinha,
Affagos de amor sem fim,
Tudo se desfez, querida,
Ai, tudo, por minha vida!

Agora, porém, resurjo
Das lembranças d'aquell' hora,
Torno aos extasis d'outr' ora,
São mais suaves talvez;
Beijo a flor, és tu que eu beijo,
E em cada vago solposto,
Vem um riso d'esse rosto
Arrebatá-me outra vez.

É que tamanha ventura,
Se uma vez pousa na vida,
Inda deixa apoz a ida
Suaves horas de amor:
Bem como o vento do estio,
Que passa doce e ligeiro,
Mas que apoz derrama o cheiro
Com que o perfumou a flor.

Setembro de 61.

E. A. VIDAL.

CHRONICA



ahiu a lume, como já annunciámos, a biographia de Camillo Castello Branco. Promettemos, n'uma das ultimas chronicas, fazer a apreciação da obra, depois de a lermos. Vamos cumprir a promessa.

Nada ha mais facil do que tecer louvores, ou lavar censuras; nada ha mais difficil do que aventurar uma critica. A critica, que pretende merecer tal nome, não se exerce com o azorrague de José Agostinho nem com o thuribulo dos incensadores. A critica verdadeira, a critica leal, a critica honesta, a critica intelligente, a critica illustrada, e finalmente, a critica que ensina e aproveita, é a que julga com imparcialidade e observa sem azedume nem lisonja. Não basta dizer, é máo; é necessario dizer o *porque*, tam geralmente esquecido entre nós. Antes de tudo apontam-se os defeitos e prova-se que existem. De outro modo a critica, não tem significação, nem alcance. Não illucida, nem corrige. Não se auctoriza, nem convence. De outro modo não se confirma o diploma de escriptor. Se, para justificar este titulo, basta só rabiscar n'uma tira de papel, *gosto ou não gosto, é bom ou é máu*, e mandar pôr em letra redonda qualquer d'estas vulgarissimas phrases, nenhuma profissão é mais facil e todos podem abraçal-a. Mas o factó é que semelhante idéa vae-se propagando e promovendo adeptos. Dentro em pouco, será habilitação sufficiente para se alistar na carreira de escriptor, ter o curso de Ventura ou de Godinho. O estudo de Lobato e Madureira, ficará até prohibido.

Já uma vez dissemos: «Na generalidade a critica entre nós, exerce-se de

um modo singular. Parece que antecipada prevenção acompanha qualquer livro, mesmo antes de ser lido. É de S... a obra? Ha de ser por força excellente! É de N...? Será soffrível, mas nunca boa! Partindo-se deste principio nunca se altera o juizo que de futuro deve fazer-se. Regra geral: discute-se sempre o individuo.

Depois da leitura, muitas vezes acontece sairem falsas as opiniões de preconceito e acha-se o livro de N... superior ao de S... mesmo porque não ha talento, por mais vigoroso, que uma ou outra vez se não engane ou erre, nem tam pouco é milagre, revelar-se uma vocação subitamente cheia de força e entusiasmo.

Para a critica, porém, isso não significa nada. Convencida intimamente de merito relativo das duas obras não duvida confessal-o n'um momento de intima expansão; mas se um dia tem de apparecer na tribuna publica da imprensa para avaliar as duas producções, sustenta o erro e desmente a evidencia, esquivando-se a tratar do assumpto e substituindo-o por um immenso prologo — cabeça enorme sobre um tronco de pigmeu — falla, cita, compara, declama, louva e censura, mas sempre a respeitosa distancia do objecto. Tudo aquillo é para fugir ao exame serio, e remata por força com tres vulgaridades rasas ácerca do livro e outras tantas cortezias rasgadas ao auctor.

Segreda-se ao assistir a uma leitura ou a uma representação ao ouvido de um e de outro, que o escriptor não tem estylo, que lhe falta vigor e colorido, mas não se diz em alta voz. E porque? Porque pertence a *coterie* aquelle nome, e foi elevado e chrisnado por ella, classificou-o entre as reputações privelegiadas, deu-lhe carta d'alforria e não póde portanto voltar atraz, e fazer de um ente sublime um simples mortal!

Não queiram suppor que ignoramos que ha nomes, que postos no frontespicio de um livro, o auctorisam. Conhecemos alguns d'esses e somos os primeiros a saudal-os. Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Castilho, tres gigantes que dominam de toda a sua altura este seculo litterario entre nós, estão n'esse caso. Com elles, ao depois, alguns mais, bem poucos, que souberam honrar os mestres aproveitando-lhes a lição e o exemplo.»

Tentamos sempre affastar-nos, o mais possivel, d'este trilho geralmente seguido, buscando tornar as nossas apreciações litterarias e artisticas, dignas e conscienciosas. Dizemos apreciações, porque assim as consideramos, e da apreciação á critica vai uma grande distancia. Nem os limites da chronica permitem vencel-a. O proposito do chronista, o nosso, é muito mais modesto, e está em harmonia com as nossas forças. Lançamos apenas, ao correr da penna, n'estas paginas rapidas, as sensações que nos causaram os livros e os homens, as coisas e as idéas. Sinceridade de opiniões ha sempre nos nossos trabalhos, porque nos esmeramos em mantel-a. O resto são como cabe em nossos acanhados recursos, e se não merecem mais, é porque não sabemos nem valemos. Repugnou-nos sempre depreciar o merito alheio, e jámais o fizemos. Nunca deixámos de acolher as vocações nascentes com palavras de animação; nunca negámos ás intelligencias reconhecidas os louvores merecidos. Outro tanto não tem praticado a nosso respeito, muitos, não os talentos provados, mas os guerrilhas da imprensa, raça desprezível que só a inveja inspira e o despeito move. A estes, porém, responde-se com o desprezo e o

trabalho. As obras são o verdadeiro desmentido ás suas nojentas diatribes. Esmorecer ou retirar da arena, era realisar-lhes os fins. O que devemos pois fazer, é ir aperfeiçoando cada vez mais o aparo da penna; mas nunca quebrar-lhe os bicos.

Acabemos com as divagações e entremos sem mais demora no assumpto.

É da *Noticia da vida e obras de Camillo Castello Branco*, pelo sr. Vieira de Castro, que vamos occupar-nos.

Camillo Castello Branco é um dos primeiros vultos da litteratura moderna. Reune a um talento brilhante uma prodigiosa fecundidade. Aquella imaginação ardente nunca pára, nem descança; remoça e exalta-se continuamente. Depois, Camillo Castello Branco, é hoje, além de um homem de talento um homem de saber. Classicos portuguezes e francezes, poetas latinos e gregos, historiadores e economistas, escriptores profundos e estylistas elegantes, todos folheou, com todos pensou, em todos meditou. A erudição acode-lhe espontanea, o estylo é naturalmente correcto e portuguez, o que denuncia estar amestrado nos segredos dialecticos e iniciado nas bellezas e elegancias da lingua. Por isso como romancista é o primeiro n'este paiz, como folhetinista um dos mais sátyricos, como auctor dramatico um dos mais distinctos, como jornalista um dos mais notaveis.

Só n'um livro cabia a analyse minuciosa das obras de Camillo Castello Branco. Escrevendo-o, prestou o sr. Vieira de Castro, um bello serviço. E ninguem podia contar melhor, aquella vida angustiosa e brilhante, entrelaçada de espinhos e flores, esmaltada de gloria e triumphos, cortada de amarguras e decepções. Viu-a de perto, acompanhou-a nas suas alternativas e nas suas aspirações, seguiu-a nos trabalhos litterarios, e quinhoou como verdadeiro amigo que era, dos seus infortunios e pezares. Sobravam-lhe elementos e condições para escrever um livro interessante e curioso, e soube aproveitá-los.

Ha trechos e paginas admiraveis de sentimento e mimo, que fallam á alma e deleitam o espirito. Vê-se que foram inspirados pelo coração, e que eram do coração que sabiam. Notam-se, porém, desigualdades, nascidas a maioria d'ellas, do genero que o auctor introduziu no livro, e que nos parece deslocado, pela pronunciada feição de pamphleto que apresenta. Mas a par d'estas incorrecções a *Noticia da vida e obras de Camillo Castello Branco*, tem bellezas que compensam taes defeitos e revelam apreciaveis qualidades, que deixam bem adivinhar o largo horisonte que o sr. Vieira de Castro ha de encarar um dia firme e resolutu. Quizeramos tambem mais singeleza no estylo, despindo-o d'essas galas affectadas que, a nosso vêr, o prejudicam. Embora a indole da lingua e o cunho portuguez se manifestem na obra, provando o estudo de Frei Luiz de Sousa, do Padre Vieira, de D. Francisco Manoel de Mello, de Philinto Elysio e de Bernardim Ribeiro, ainda assim, parece-nos guindado e empolado em demasia. Não convém exagerar nem bannir a fórma classica.

Remataremos, dizendo, que o livro do sr. Vieira de Castro tem um lugar reservado em toda a livraria escolhida, e dando-lhe os parabens por havel-o publicado.

ERNESTO BIESTER.